

TÚMULOS DE DEUS

JOÃO FERNANDES

TÚMULOS DE DUES

NO**CEGO**

Editora NOCEGO
www.editoranocego.com

Editor Responsável
Domingos Calixto
Produção editorial
Equipe Editora Nocego

Revisão
João Fernandes

Capa
Agência - RTV Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Neto, João Fernandes Santos

Títulos de Deus/João Fernandes Santos Neto - Je-
quié: Editora Nocego 2021.

122; 21cm

ISBN 978-85-7869-547-

1. Literatura brasileira. 2. Romance. 3. Ficção. I. Título.

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

[2021]

Publique seu livro com a Editora Nocego
RTV Brasil Prod. Com. Entret. e Editora EIRELI

CNPJ: 24.983.429/0001-04

Contatos: (73) 98873-7177

e-mail: editoranocego@gmail.com

e-mail: kalixto.calixto@gmail.com

www.editoranocego.com.br

“Desde a Alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo; pode ocorrer também, em contrapartida, que se lhe atribua, por oposição a todas as outras, estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda a ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber.”

Michel Foucault

Em Memória de Antenor Quaresma.

Para a comunidade de Ponto Novo, palco de inspiração, que me ajudou a criar as personagens com muito carinho, a minha família, que sempre acreditou no meu potencial, aos meus professores universitários, que muito me incentivaram na construção desta obra.

Aos leitores

Antes de escrever as passagens relatadas neste livro, peço ao leitor que compreenda: sou apenas um simples homem que devaneio a ideia de Deus e espero não confundir a mente de alguém em relação à existência do Ser Supremo todo-poderoso, longe de mim essa intenção.

A narrativa que lerão é apenas um relato de coisas que vi e vivi em minha humilde vida. Não pretendo desvirginar as ideias da fé nem tampouco detrair a Santa Igreja Católica, pretendo apenas, e somente apenas, salientar a dicotomia entre fé e instituição religiosa.

Desde já, peço aos líderes religiosos cristãos que me perdoem, pois não vivo de acordo com imposições, e sim, e somente sim, com a verdade.

Compreendo que vivemos em um mundo de transformações e de grande devir, porém, em um mundo tão dinâmico, onde é mostrada a evolução da tecnologia e

o avanço da economia, o homem não tem se apresentado tão evoluído. As mentes continuam alienadas as suas próprias criações e invenções, e a que mais iremos salientar neste livro é a manifestação da religião: a Instituição Religiosa. Instituição essa que sempre escravizou, formulou normas que devessem ser seguidas e nunca questionadas, pois são normas da revelação que devem ser aceitas através da fé. Sempre compreendi que fosse assim. Até que um dia, conheci Damiano Nascimento, um homem simplório, que vivia em um casebre nos recantos do distrito de Ponto Novo, minha terra natal, e foi ali, naquele pequeno lugar, que, na ignorância de um homem, vi brotar a verdade e a destruição dos meus dogmas religiosos, vi também o cúmulo da estupidez humana e o poder do sistema religioso.

Sinto-me um pouco falto de amparo, pedirei a minha razão que me acalente e faça com que minha alma não tema nem transpire diante da verdade que terei de relatar neste livro, a partir de coisas que vi e vivi na minha puberdade, contudo lembro ao leitor que: religião não é saber, é crença.

A FRASE

Em meio a florestas bifformes, que se erguem sobre montanhas verdes, encontramos entre morros uma depressão, habitada por pessoas humildes que vivem suas vidas em conformidade com a sua cultura, que em tempos passados, era baseada em valores cristãos, tendo como pilar a Igreja Católica. Uma comunidade em que todos se conhecem por apodo, exceto os que não moram por ali, no pequeno distrito de Ponto Novo.

Nasci e vivi no distrito junto aos “eclesiásticos”, frequentava a igreja todos os domingos. Gostava de brincar com meus amigos no Bairro Novo, pedacinho do lugarejo um pouco mais necessitado. Um lugar que, quando chegava o inverno, fazia muito frio e que, segundo o senhor Antenor Quaresma, o frio era tanto que naquelas épocas sapo andava de moletom e cache-

col. Nunca entendia direito o que queria dizer o velho Antenor, mas achava engraçado o jeito como ele dizia. Eu e meus amigos gostávamos de soltar pipas, brincar com bolas de gude, futebol de bola de papel. Eles gostavam de brincar com Damião Nascimento, um vendedor de quebra-queixos, pessoa humilde e estranha, pois aparentava ser meio leso e fraco da mente, porém muito engraçado pelo seu jeito excêntrico de ser.

Todos os dias, após vender os doces, Damião se dirigia à igreja, orava junto à imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, seus olhos ficavam brilhando, como a luz do sol refletida nas águas de um rio. E como um vulto, que se esconde no meio da escuridão, lá ficava eu a admirar de longe aquela excêntrica figura, com barba desleixada e quase sem cabelos na cabeça.

Damião morava com os pais em um casebre que ficava no alto da Rua do Piquete. Casebre que um dia fora arrastado e destruído por uma tempestade furiosa e avassaladora, matando os pais de Damião, que morreram subterrados na lama e no barro.

Sozinho no mundo, o pobre construiu outra casinha de taipa, onde ficava todos os dias, de tardinha, tomando um gole de café, com os olhos perdidos, admirando o distrito e carregando na lembrança a dura perda dos pais.

E foi num desses dias que Damião, lembrando-se da tragédia, recordava-se das palavras que dona Genésia

lhe falara naquele triste dia, enquanto chorava sobre os escombros e os corpos dos seus pais:

“Se conforme, Damião! Deus sabe o que faz! Deus sabe o que faz”.

Aquelas palavras, da mesma forma que o conformavam, o amedrontavam e causavam espanto a sua humilde alma, pois, para Damião, havia algo de errado nessa frase. “Deus levou meus pais e fiquei sozinho no mundo”, pensava ser isso injusto da parte de Deus, todavia não poderia pensar que Deus seria injusto. Olhava assombrado para os lados, com medo de que o demônio o estivesse confundindo, “Mas meus pais trabalhavam na igreja, limpavam, lavavam, organizavam as coisas da missa. Como Deus poderia dar a eles em troca uma morte tão horrorosa?!”, ficava pensando Damião assustado e atordoado. Com uma das mãos, apegava-se ao terço que sua mãe lhe dera e, com a outra, segurava a xícara de café. Depois, ficava com os olhos perdidos na imensidão infinita da linha do horizonte, contemplando o pôr do sol. Achava o pôr do sol uma manifestação da graça de Deus, seus pensamentos negativos iam desaparecendo, e sua alma refazia a comunhão com Deus, e a frase parava de atormentá-lo.

O RAPAÇ

Certa vez, apareceu por aquelas bandas um jovem chamado Mathias, ninguém em Ponto Novo sabia direito sobre seu paradeiro, de onde veio? Quem eram seus pais? Onde morava? Porém, o que todos sabiam é que era um bom moço, humilde, simples, não era de muita conversa. Um pouco pacato, talvez, e não reclamava quando alguém lhe dava alguma ordem para fazer um favor, tanto que o dono de um pequeno mercado, o Sr. Domingos e sua esposa, o adotaram para que ficasse ajudando-os no mercadinho.

O jovem passava o dia todo no mercado, atendendo clientes e, às vezes, contando seus causos. As pessoas achavam interessante o que Mathias lhes contava, eram histórias um pouco macabras que aconteceram em lugares onde ele havia morado. Histórias de assassinatos, mortes, suicídios, estupros, traição e tocaias. Ele con-

tava as histórias em tom misterioso e frio, as pessoas se amontoavam ao seu redor para ouvi-lo: crianças, jovens, adultos, idosos, todos queriam saber o que acontecera no passado misterioso de Mathias.

Quando chegou ao distrito, tinha 15 anos, podia-se notar que era um jovem estudado, gostava de ler muito, um rapaz inteligente e tímido. Sua timidez foi se deteriorando a partir do momento em que passou a trabalhar no mercado com Seu Domingos e no seu relacionamento com a comunidade daquele local, contudo o jovem Mathias continuava misterioso e pacato. Não se sabia ao certo por que ele era assim, o que se sabia era que: era um bom contador de histórias. Quando iniciava suas histórias dizia:

“Quem tiver ouvidos para ouvir que ouça”.

E assim, começava a contar seus causos que faziam aglomerar um número expressivo de pessoas para ouvi-lo, pois naquela época o único meio de comunicação e de entretenimento que havia aparecido por ali foi o rádio; e somente alguns que possuíam certo status poderiam usufruir aquela tecnologia. No rádio, algumas notícias chegavam de forma clara para a população local, enquanto outras eram de difícil compreensão. O rádio falava do Governo do General Geisel, dizia que a dívida externa tornava-se um problema da agenda nacional, havia depoimentos do Ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, que informava que a dívida

atingira US\$ 17,3 bilhões e anunciava que o governo adotaria medidas para contê-la, ainda que, para isso, tivesse que comprometer o crescimento do PIB. Apesar de todas as notícias dadas pelo rádio, o povo de Ponto Novo não conhecia direito os termos e palavras utilizadas pelo locutor, não sabia o que era o PIB, moratória, dívida externa, mas achava interessante aquela caixa que falava. Era o ano de 1975, foi lançado o Proálcool, a dívida externa estava alta. Ainda assim, o governo pegava dinheiro emprestado para a construção das hidrelétricas. Todo esse contexto existia bem próximo dali e afetava a vida daquelas pessoas, contudo elas não se interessavam sobre tais fatos, e o contexto local é que lhes interessavam.

Apesar disso tudo, eram as histórias de Mathias que prendiam a atenção do povo, e muitos paravam para ouvir tais histórias, muitas vezes iam dormir duas horas da madrugada, entretidos com as histórias. Às vezes, só quem se incomodava com a presença de Mathias era o Sr. Antenor Quaresma, que também vivia contando causos e escrevendo poesias em rima para os moradores de Ponto Novo. Sentia-se ameaçado com aquela concorrência, pois os causos de Mathias eram muito mais interessantes que os seus, tinha de concordar. Porém, nunca disse nada, pois tinha medo do jovem, sentia algo de demoníaco no rapaz, dizia que não gostava de

gente muito sonsa, e era desse tipo de gente que ele tinha medo.

A MISSA

Era mais um domingo, e a igreja estava cheia. Padre Jonas celebrava a missa com sua postura eclética e ortodoxa, inigualável, também, tinha mais de 20 anos de batina e 15 na paróquia do pequeno distrito. As pessoas o conheciam e o respeitavam, pois tinha o dom da palavra e seu poder de persuasão era muito grande, a ponto de fazer fiéis pagarem penitências caminhando de joelhos até o cruzeiro, uma imensa cruz, localizada no alto do Piquete

Dona Genésia e outras fiéis estavam nos primeiros bancos, assistindo à missa, eram responsáveis pela limpeza e pela ornamentação da igreja. Esperavam o término da celebração para varrerem o altar e limparem a imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Logo após, orariam um pouco diante das imagens. Em

seguida, dirigiriam-se para as suas casas, como uma espécie de ritual de todos os domingos.

No final da igreja, de pé, junto à fonte do batismo, Damião esperava o culto terminar para conversar com o padre Jonas. Suas mãos suavavam, sua respiração ofegava, estava um pouco impaciente, pois queria fazer algumas perguntas ao pároco, perguntas que o incomodavam, a ponto de lhe provocarem calafrios, dores de cabeça, insônia, seguidos de uma gastura no peito. Tinha tomado alguns chás de ervas para dormir, tentando amenizar as dores, até perceber que nada adiantava. Percebera que só outro remédio poderia curá-lo: as respostas para as perguntas que o atormentavam, respondidas por alguém que sabia mais que ele, o padre Jonas.

— Vão em paz, e que o Senhor os acompanhe! — finalizou a celebração, o padre Jonas. Damião correu na direção do sacerdote e meio sem jeito lhe dirigiu a palavra:

— Posso falar um pouco com o senhor, homem de Deus? — nome pelo qual Damião chamava o líder religioso, como uma espécie de respeito.

— Um minuto, filho — deu as últimas ordens a Dona Genésia, ao sacristão e aos outros fiéis, que estavam ali presentes. Voltou-se para Damião:

— Em que posso ajudá-lo, filho?

— Tenho uma pergunta para fazer.

— O que é que há, meu filho? Tens pecado muito? Não andou cumprindo com suas obrigações direito? Pagou o dízimo deste mês?

— Nada disso, não, homem de Deus. É outra coisa...

— Queres saber o que deves fazer para entrar no Reino dos Céus? — falava tudo isso, e guardava as coisas da celebração, sem dar muita importância para o homem que estava angustiado ao seu lado.

— Não, não...

— Então, o quê queres de mim? — falou o padre, com um tom de impaciência.

— Quero fazer uma pergunta — respondeu Damião um pouco acanhado.

— Pelo amor de Deus, homem! Não fique tomando o meu tempo e pergunte logo de uma vez o que quer perguntar! — disse o padre, com gestos de pressa. Damião ainda sem jeito olhou nos olhos do padre e perguntou:

— Deus é justo?

O padre, meio impaciente, sentindo-se incomodado com a situação, dirigiu-se a Damião, com tom de superioridade:

— Isso é lógico. Quer dizer que você vem até aqui, toma meu tempo, para me perguntar uma coisa que até uma criança responderia!

— Tu tá me dizendo que ele é justo, padre? — perguntou o homem com certo olhar de angústia.

— Lógico! Agora, me dê licença...

— Só um minuto, homem de Deus. Quero fazer outra pergunta.

— Diga, qual é?

— Deus ama a gente?

— Infinitamente — respondeu o padre na bucha e saiu dando as costas.

— Meu pai amava muito a Deus e fazia qualquer coisa pra não emburrar Ele. Por que Ele mandou um vento medonho destruí a casa de pai e mãe? E matar eles? Tu acha isso amor e justiça, homem de Deus? O quê tu acha?

O padre, que já ia saindo, volta-se para Damião meio espantado com as perguntas e vai em direção ao pobre homem:

— Ora, filho. Não podes sair por aí duvidando das coisas de Deus, muito menos, questionando os mistérios do Pai.

— Por que não posso, padre? — olhou o padre um pouco assustado. Queria parar de pensar naquelas questões. O coração batia apertado, esperando uma resposta final do padre, os olhos estavam lacrimejando de medo.

— Porque devemos temer a Deus. E aqueles que questionam os Seus mistérios não estão indo por um

bom caminho, filho. Deus sabe o que faz, se Ele fez o que fez, é porque tinha que fazer, ou seja, existia algum motivo, não achas?

— Num acho nada — respondeu desolado Damião.

— Você não sabe? Ora, homem, o que há com você? Tem feito poucas orações? Não tem vindo redimir-se de seus pecados? Por acaso, estás ficando fraco e deixando o demônio destruir a tua fé? - disse todas essas coisas, com tom explosivo.

— Não, padre! Não! Não é isso não, homem de Deus! — olhava com desespero para o padre. Pensou no demônio ao seu lado, rindo da sua cara, começou a bater com os punhos fechados na própria cabeça, dizendo:

— Não, padre! Por favor, Senhor, misericórdia, desculpa eu, Deus! — correu em desespero em direção à cruz do altar.

O padre se aproximou de Damião, que se encontrava de joelhos diante do altar. Chegou perto dele e lhe falou ao ouvido, com uma voz apavorante e um sorriso cínico:

— Seria bom você ir para sua casa, filho, se ajoelhar diante dos santos e rezar o salmo 141, porque me parece que Satanás está tentando atormentar a alma de um homem justo como você. Quando ouviu isso, Damião saiu correndo atordoado para casa, gritando e

chorando, pedindo perdão e fazendo súplicas, olhando para os lados, como se o diabo fosse aparecer para levá-lo. Tentava com algum esforço esconder-se, em um descompasso que dava pena. Nesse momento, eu estava escondido detrás de um dos bancos da igreja e fiquei sem entender o que acontecera. Afinal, as perguntas de Damião eram pecados para Deus? A atitude do padre foi normal? Será que Deus gostaria que alguém ame-drontasse um de seus filhos fiéis, impondo tanto medo? Deus concorda com o sofrimento mental dos outros? Ou, realmente, Damião estava com o demônio ao seu lado? Não encontrei respostas a essas perguntas. O que eu sei é que fiquei com muito medo, não de Damião, e, sim, do que o padre disse a ele.

O CONSELHO

Amanhecia mais um dia. Junto com ele, mais um espetáculo efêmero da natureza, o nascer do sol, com sua aurora envolvente, que, coadjuvante ao sol, beijava as pontas das montanhas e, por conseguinte, deslizava sua suave luz sobre as planícies daquelas paisagens que aos poucos acordavam com o derretimento do ovário exalante, dando vida àquele lugar.

Damião já havia acordado e, como sempre, tomava seu café, pegava o carrinho de quebra-queixo e saía pelas ruas, vendendo os doces. No meio do caminho, encontrou Dona Genésia e o Seu Marciano, que passeavam pela rua.

— Bom dia, Damião! — disse Dona Genésia, com um sorriso materno nos lábios, parando para cumprimentá-lo.

— Bom dia! — respondeu Damião, olhando para o tempo e sorrindo com seus dentes estragados.

— Ficamos sabendo da conversa que você e o padre Jonas tiveram ontem.

— E quem disse pra vocês, ora?

— Foi o próprio padre, Damião! — respondeu o velho Marciano.

— E não gostei das perguntas duvidosas que você pregou no padre, Damião! — atalhou Dona Genésia, com ar de desgosto.,

— São perguntas malignas, meu filho, e você deve se arrepender e repreender, porque Deus sabe o que quer para a vida de cada um, e a vida é cheia de mistérios, meu querido. E é para os mistérios que existe a fé.

— Isso mesmo, Damião. Você deve apenas aceitar o que aconteceu, pois Deus escreve certo por linhas tortas — continuou o Velho Marciano, olhando no fundo dos olhos de Damião, que parecia um pouco assustado com aquele interrogatório. O olhar do velho Marciano tinha algo de julgamento, um ar de repreensão.

— Olhe para você, meu filho. É um homem bom, educado, fiel. Seus pais sempre se orgulharam de você. E eu gosto muito de ti. Agora, não perca a sua fé em Deus, filho! Pois, sem Deus, não somos nada — Dona Genésia disse todas essas coisas, depois beijou Damião na testa, com certo afeto, como se fosse uma mãe. Saiu

junto com o velho Marciano, foram em direção ao Piquete.

Naquele momento, a alma de Damião parecia aliviar-se com a atitude daquela senhora. Seus olhos encheram-se de água, re-fletindo o céu azulado. Foi o instante em que seu coração sentiu um pouco de paz. Por um momento, Damião pareceu ter sido beijado pela própria mãe. Por alguns instantes, o tempo voltou, como se estivesse descompassado, pois assim é a memória humana: capaz de criar e recriar a partir da imaginação tempos e mundos paralelos por intermédio da dádiva divina: o pensamento. Damião acenava com a mão para os velhos, com olhar tristonho. Sabia que aquela conversa havia sido uma advertência. Precisava tirar aquelas ideias da cabeça, precisava de respostas: “Deus era a justiça, a misericórdia, a compaixão, o amor”, era assim que tinha de pensar. Uma angústia profunda vinha ao seu coração, sentia um frio no estômago, queria chorar, o choro não vinha; queria gritar, o grito não saía. “Por que levou os meus pais?”, olhava para o céu. Observava as nuvens e nenhuma resposta, apenas o céu, nu, azulado e lânguido, mudo, silencioso. Voltou para si próprio e olhou suas roupas e pele, “Estou sujo”, pensou, mas de quê adiantava se limpar, não teria a sua mãe para admirá-lo. “Nossa, como você está lindo, meu filho”, somente sua mãe o via como ele era. O que os outros viam nele era apenas uma imagem. Os

outros tinham uma imagem de Damião, cada um criara em sua mente imagens de Damião, imagens de julgamento. Não tinha mais nada, apenas a si próprio, anal-fabeto, perdido, pois o destino havia levado as suas referências, seu pai e sua mãe, seus educadores, seu norte e seu sul. Seus únicos amigos, aqueles que realmente o amavam. Chorou. Ficou a chorar por alguns instantes. Aos poucos, foi parando de chorar, pegou seu carrinho e voltou à realidade: viu a rua, avistou as pessoas passando por ele, viu o carro de quebra-queixos. Enxugou as lágrimas e seguiu em frente.

A Semana Santa se aproximava. Época de comer peixe, de ajoelhar-se diante dos padrinhos e de louvar o Senhor Jesus Cristo antes de pedir as bênçãos. Damião caminhava, sentindo-se um pouco mais feliz, porque lembrou que a Semana Santa estava próxima. Pensou que, talvez, as novenas e o ritual da eucaristia poderiam revitalizar a sua fé e acalmar seus pensamentos

A NOVENA

A Semana Santa havia começado. Padre Jonas realizava novenas em algumas casas de fiéis, a Igreja ganhava mais força nessa época do ano. Dona Genésia pregava com devoção a Palavra de Deus, as pessoas ouviam com atenção, realizavam suas obrigações, como mandava a tradição. Crianças, jovens, adultos e idosos se aglomeravam para ouvir a pregação de Dona Genésia. A novena de terça-feira acontecia na casa de um morador chamado Carlito. Estavam todos em círculo, olhando e ouvindo Dona Genésia e o padre a falar o tema daquela noite: a oração.

Damião se aproximava para alimentar e restaurar a sua fé, quando, de repente, ouviu o padre e Dona Genésia falarem alguma coisa sobre a importância da oração na vida das pessoas:

— Como vocês podem ver, meus irmãos, em Marcos, capítulo 14, versículo 32, Jesus disse aos seus discípulos: “Sentem-se aqui, enquanto eu vou rezar” — falou o padre, com seu tom orodoxo e com uma voz estonteante e firme.

— Como podemos observar, meus irmãos, a oração é muito importante, é preciso orar e rezar muito, para agradecermos a Deus por tudo. Para conversarmos com Ele, para pedirmos ajuda nas horas de necessidade e de angústia — dizia Dona Genésia, com ar de misericórdia e um sorriso de conforto.

— Como pudemos ver, meus irmãos, Jesus orou até o último momento — discursava o padre, com olhar benevolente, quando, de repente, é interrompido:

— Mas só que depois — berrou Damião insatisfeito no meio do povo. — Ele falou a tal frase: “Que seja feita a Tua vontade, Pai, e não a Minha”. Por Deus! Ele não queria morrer! Por que Ele teve que morrer?! — falou Damião, atônito, ao perceber que naquela frase do Cristo havia o medo. “O Cristo teve um momento de medo!”, pensava Damião.

As palavras de Damião assustaram todos ali presentes, era como se o espectro do medo passasse a adentrar no meio da multidão, e se fez presente naquele momento entre todos que acharam estranha aquela interrupção.

O padre, meio sem jeito, olhou para Damião:

— Você novamente. O quê fazes aqui, agora, meu filho?

— O mesmo de sempre, homem de Deus, tentando ficar perto de Deus, pois sô um pobre homem...

— Por que perguntas tanto essas coisas?

— Qui coisas?

— Essas coisas, tipo: “Por que Ele teve que morrer?” — falou o padre, com tom alto e arrogante. — Ele morreu porque tinha que morrer, porque Deus quis que o Seu filho morresse para pagar os nossos pecados. E também porque era uma profecia, e as profecias se realizam, Damião. Agora, se me dê licença...

Quando se virou para o povo, o padre percebeu o quanto todos o olhavam assustadíssimos, devido à forma como interrompeu Damião.

Damião, angustiado, sentiu as palavras do sacerdote rasgarem seu peito e, virando-se para todos, disse com voz apavorante e rouca:

— Quem de vocês aqui presentes teria vontade de deixar um de seus filhos morrer espancado e crucificado pelos outros, sem dever nada a ninguém? Mesmo que fosse por uma boa causa. Quem teria? Quem deixaria o filho morrer, sem, pelo menos, lutar pra que ele pudesse viver só mais um pouquinho, pra que ele pudesse fazer alguma coisa que desejasse fazer, correr, brincar, conversar, nem que seja por mais um minuto, sei lá.

Quem de vocês deixaria o seu filho morrer por ladrões, estupradores, pecadores?

Todos olharam perplexos para Damião, que se dirigiu a uma criança espantada num canto. Pegou nos braços da criança e disse:

— Vou te levar pra arrancar teu coração, pra que sirva de vida pra outra criança, que tá no hospital, prestes a morrer, porque precisa de transplante — quando ia arrastando a criança, o pai do menino atirou-se em Damião, deu-lhe um soco e o empurrou, dizendo:

— Está louco! Solte o meu filho, seu infeliz! — e empurrou Damião ao chão. O povo assustou-se com aquela cena, e Damião, com a boca quebrada, olhou para o pai da criança e disse:

— Fez bem! Você fez a coisa que um pai de verdade faria nessas condições. Você não permitiu que seu filho morresse, porque você ama ele. E me parece que teu amor gerou este ódio que agora vejo em teus olhos. E acredito que todo esse ódio que saiu do sinhô aí, agora, foi fruto desse imenso amor que o sinhô sente pelo seu filho.

O padre, meio incomodado com a situação, olhou para Damião, que estava admirado com o amor do pai pelo filho, a ponto de ficar meio abobalhado, contemplando a cena do pai agarrado ao filho, beijando-o e acariciando-o, com medo de soltá-lo e perdê-lo. Lembrou-se do seu pai, do quanto o amava. Por um mo-

mento, o viu ali, naquele homem. Foi interrompido pelo padre Jonas:

— Estás querendo dizer que Deus não amava Jesus?

— Não, homem de Deus! Estou dizendo que esse pai — apontou para o pai da criança — é apenas um pobre homem, que é imperfeito e mortal e não tem nem a metade do amor de Deus.

— Não estou entendendo onde queres chegar.

— Quero dizer para todos que eu também sou um pobre pecador e não deixaria meus pais morrerem por causa de outras pessoas, ainda mais, se essas pessoas não merecessem, como aquelas lá, que mataram Jesus.

— Ainda não compreendo — disse o padre.

Olhando para o homem que abraçava seu filho, Damião disse:

— Ele num é um homem? — apontou Damião para o pai da criança.

— Sim — alguns responderam.

— Se ele é um homem, então ele é imperfeito, pecador e mortal?

— Sim — respondeu o padre.

— Só que ele ama muito seu filho, a ponto de não querer que nada de mau aconteça cum ele.

— Prossiga.

— Agora, imagine Deus, homem de Deus!

— O que tem Deus a ver com isso? — perguntou alguém na multidão.

— Deus não é perfeito, homem de Deus?

— Lógico que sim.

— Então, nesse caso, justamente por ser perfeito, o amor de Deus é o dobro do amor desse homem para com seu filho. Não é, homem de Deus?

— Lógico, o amor de Deus é infinito.

— Se o amor de Deus é tão intenso assim, por que Ele deixou Seu filho morrer nas mãos de gente pecadora e selvagem? Pessoas que, por suas atitudes, pareciam não ter Deus dentro de si. Por que mandou uma tempestade levar meu pai e minha mãe que amava Ele tanto? Por que deixa gente boa passar fome, e outros que num vale nada ter tanto dinheiro e desperdiçar tanta comida e roupa? Por que deixa os estupradores fazerem maldades com crianças inocentes de poucos anos de idade? Por que, homem de Deus? Por que? Será que valeu a pena Ele deixar Seu filho morrer por nós? A maldade não acabou! A maldade dentro de nós não acabou?

As perguntas acordaram o silêncio que estava adormecido no olhar das pessoas em volta da discussão, e um frio começou a se instalar de modo geral no interior de todos ali presentes. Uma dúvida subitamente se fez a gritar nas mentes que se atormentavam diante das perguntas que pareciam vir do inferno interior daquele pobre homem.

“Damião está dizendo que Deus não amou o Seu filho e que também não nos ama?”, pensou Antenor Quaresma, com a mão no peito e um olhar estatelado.

— Não acredito no que ouço — disse outro.

O padre parou no meio da multidão e não sabia direito o quê falar.

Quanto a mim, fui tomado por um vazio, um frio que, ao mesmo tempo em que era frio, me esquentava a cabeça. Fiquei pedindo a Deus que o padre respondesse algo de lógico, para aliviar-me diante de tudo aquilo que presenciava e espantava o meu ser. Enfim, uma palavra:

— Calma — pediu o padre a todos. — Vamos ter fé, ele não entende que o que Deus fez, foi pelo amor de todos nós, todos nós — e completou, dirigindo-se a Damião:

— Todos nós esta ouvindo, Damião. Pelo amor de Deus, Damião! O quê há com você?

Damião ainda transtornado, pois não encontrou a resposta, começou a bater as mãos na cabeça:

— Não, não! Deus está confuso! Vocês não entendem! Vocês não entendem! — saiu correndo, em direção ao Piquete, gritando com as mãos na cabeça. As pessoas o observavam, julgando-o como se Damião estivesse louco, dizendo que fazia perguntas sem sentido. Mathias, quando viu o que estava acontecendo, acompanhou Damião, olhou assustado para a multidão, que

condenava o vendedor de quebra-queixos, com os olhares de preconceitos e prejulgamentos.

Já eu... Não sabia o quê fazer, nem o quê pensar, minha mente estava confusa e ficava mais confusa ainda, quando olhava o padre Jonas, fazendo o sinal, com as mãos próximas ao ouvido, como que insinuando que Damião estava ficando louco, falando que deveríamos... orar por Damião. Falou que o demônio estava a perturbar e a amedrontar o pobre homem, a ponto de Damião perder a razão. O pároco dizia que Damião já não falava coisa com coisa. Para mim, isso soava meio estranho, afinal de contas, Damião não falava coisas com coisas, ou as pessoas não estavam preparadas para ouvir aquelas coisas? Por que me parecia que as perguntas de Damião eram lógicas e racionais, que seguiam uma linha de pensamento dentro da cabeça dele? E o pensar é uma dádiva do espírito humano, sendo assim, aquelas pessoas pareciam não querer pensar mais além.

Então, percebi que não era que, Damião não falava coisas com coisas e, sim, que só perguntava, querendo tirar suas dúvidas, portanto concluí: que aqueles que não pensavam e nem duvidavam são os que tinham se transformado em coisas, ou seja, deixaram de refletir, para apenas aceitar e acreditar, tornando--se um objeto, abdicando do que lhe é humano: o pensamento e a reflexão, para se tornar uma coisa. Daí, descobri que não era como dizia o padre, que “Damião não falava coisa

com coisa”, e, sim, que Damião era um homem que procurava perguntar coisas às coisas.

O PIQUETE

Chegando ao Piquete, Damião chorava feito um condenado. Junto com ele, estava Mathias, o misterioso rapaz, que, ao ver o homem em estado de lástimas, não sabia o quê fazer.

Damião foi em direção a uma cruz que ficava no alto do Piquete. A cruz media dois metros, era feita de madeira. O pobre homem se ajoelhou próximo aos pés da cruz e lembrou de seus pais, dizia em voz alta:

— Perdoa eu, Deus! Me ajuda! Tire essa coisa de dentro de mim! Mãe! Pai, por favor!

A cena acontecia, lembrava-me o momento em que Cristo, antes de ser capturado pelos soldados romanos, ajoelhou-se diante de um rochedo e orou. Assim como mostravam as figuras dos livros religiosos, que minha mãe lia para mim na Semana Santa. A mesma passagem bíblica que o padre pregou até o momento em que

Damião o interrompeu, com suas lamúrias e questionamentos. O momento era excêntrico e único, porque Damião havia afastado de suas vistas a solidão, pois o jovem Mathias parecia que conseguia compreender sua angústia e agora estava ali, fazendo companhia a Damião.

— Não chore — falou o jovem, pondo a mão no ombro de Damião. — Não chore, isso vai te fazer mal.

— Mal? — perguntou, virando-se num susto para o garoto.

— O que faz aqui?

— O mesmo que você — respondeu o garoto.

— O mesmo que eu? — estranhou, afastando-se do garoto.

— Sim. Estava presente na hora em que fez suas perguntas para o padre.

— Perguntas tolas! Tolas! Tolas! — batia na cabeça com as mãos.

— Por que seriam tolas? — perguntou Mathias, com os olhos cobertos de suspense.

— Por que são tolas? Porque... Porque... Porque meus pais eram muitos devotos a Deus e, desde criança, me ensinaram... ensinaram a... a temer a Deus e respeitar a Ele, e fazer com que eu seguisse o que Ele ordenou a todos nós...

— E você pensa que está desagradando a Deus?

— Eu sô uma besta! Um tolo, Deus vai... vai...

— Te castigar? Mandar-te para o inferno? — o jovem dizia todas essas coisas, com o intuito de perceber se Damião ficaria com medo, ou não, das indagações, porém o pobre homem nem sequer se abalou.

— Não! Não! Não! — disse tudo isso com um sorriso que misturava ironia e loucura, continuou:

— Ele não me mandaria para o inferno. Agora, se eu não me comportar direito, eu mesmo acabo me levando para lá! — disse, olhando assombrado para Mathias. — Eu mesmo me levo para o inferno! Entende?!

Quando terminou de dizer essas palavras, Mathias deu um sorriso de conforto para o amigo, que acabava de encontrar um amigo que morava no distrito há tanto tempo e ele nunca o tivera enxergado. Nunca o tivera notado, estava ali, na sua frente, uma pessoa que não era como os outros daquele lugar. Sabia que Damião morava em Ponto Novo, mas percebia que aquele homem não pensava como os outros que moravam ali. Sentia que Damião pensava diferente e, apesar de ter barba e ser tão desleixado, percebia também o quanto se parecia com ele.

O jovem sorriu para Damião, que se assustou com o sorriso do rapaz e lembrou-se do demônio que o padre havia falado. Pensou que o garoto era o diabo, saiu correndo olhando para trás e gritando de forma apavorante:

— Não, saia! Afaste de eu, Satanás! — pensava que o rapaz era o demônio que veio lhe tentar.

O garoto correu em direção a Damião:

— Não sou o demônio, Damião! — Damião, em meio ao desespero, tropeçou nos matos e caiu por terra. Quando já estava no chão, indefeso, voltou-se assustado para o moço fazendo o sinal da cruz:

— Afasta de eu, Satanás...

O garoto olhava Damião com um olhar de piedade e, aos poucos, se aproximava do pobre homem:

— Não sou o demônio, Damião! — falava Mathias.

— É sim! — respondia o simplório homem, com olhar de medo.

— Não, Damião! Não sou o demônio. Sou apenas um jovem que quer ser seu amigo.

— Não, você é o cabrunco!

— Se eu fosse o demônio, já tinha te feito algum mal, Damião — respondeu o rapaz com calma, aproximando-se do amigo, que estava no chão olhando-o confuso.

— Conhecia seus pais, Damião — disse Mathias.

Após essa frase, o homem que estava ao chão ficou meio triste e disse:

— Quem conhecia meu pai e minha mãe?

— Eu — respondeu o garoto, com certo olhar sincero e de paz, um sorriso meigo, que fez com que Da-

mão se sentisse melhor e, aproximando-se do rapaz, olhou-o nos olhos.

— Você conhecia meus pais, homem moço?

— Sim, Damião, e muito.

Um sorriso veio nos lábios de Damião e a alegria veio por entre os arbustos junto com o verde daquele lugar e penetrou na conversa.

— Como você conheceu?

— Dona Maria das Dores Nascimento Silva — disse Mathias. Essa interrupção provocou outro sorriso ainda mais estampado no rosto daquele homem.

— É... Era assim que ela se chamava, minha mãezinha se chamava assim... — uma felicidade um pouco abobalhada, apossou-se de Damião.

Naquele momento e em todo o decorrer da conversa, foi guiado por aquela estranha emoção. Continuou o rapaz:

— Senhor Antônio Sampaio Nascimento.

Esses eram os nomes dos pais de Damião, o homem se encheu de felicidade ao ouvir novamente os substantivos próprios que mais lhe agradavam os ouvidos.

— Esse era o nome do meu pai...

— Cabelos brancos, baixinho e muito honesto — acrescentou o rapaz.

— Homem moço tem razão, o pai de Damião era bem assim mesmo — falava isso com um sorriso abobalhado no rosto.

— Já sua mãe, se a gente passasse por ela e não pedisse a bênção, ai, ai! A coisa fedia.

— Isso mesmo, homem moço. Era bem assim a minha mãezinha tão virtuosa, adorava dar bênçãos — as palavras de Damião eram ditas de forma que ele sorria e se emocionava ao mesmo tempo.

— Minha mãe! Ela acreditava que dando bênçãos às pessoas: criança, jovens e adultos deste lugar, tinha o poder de transmitir a centelha do amor de Deus através das bênçãos.

— Eu a achava muito divertida — disse Mathias.

— Onde você conheceu eles dois? — perguntou Damião curioso.

— Eles compravam coisas no boteco do Seu Domingos. Às vezes, o Seu Domingos precisava fazer algumas viagens para comprar novos produtos na cidade de Itagi, para renovar as mercadorias, aí, eu ficava no boteco despachando os clientes, e seu pai e sua mãe eram clientes do mercadinho.

— Se é assim... — ainda pensativo. — Você não é o demônio! — disse Damião meio receoso.

O rapaz olhou para Damião e respondeu:

— Lógico que não!

E os dois caíram na grama dando risadas por algum tempo. Quando, de repente, o homem interrogou o rapaz, com olhar de tristeza:

— E o que faz aqui, com eu, com um doido que nem eu?

— Você não é doido.

— Sou sim. Pois estou perdendo a minha fé em Deus. A fé que meus pais me educaram para ter.

— Porém, isso não faz de você um louco!

Damião ficou pensativo. Afastou-se do garoto e foi novamente em direção à cruz e ficou com o olhar nela.

— O padre acha que o demônio tá me rondando e que quer me desviá das coisas de Deus.

— E você acredita em tudo que o padre Jonas fala ou diz?

A pergunta fez com que Damião parasse no tempo por alguns minutos. Pensou. Reparou que havia coisas que o padre dizia que ele concordava e outras coisas que discordava, ou que, às vezes, não entravam direito em sua cabeça. Olhou para Mathias e depois sussurrou a palavra que simboliza a primeira etapa de uma atitude crítica:

— Não.

Com os braços cruzados, olhando com sinceridade para Damião, Mathias falou:

— Eu também acredito que Deus não mandaria você para o inferno. E acredito que, por mais que você fizesse loucuras, ainda assim, Ele não te mandaria para lá.

— Por que você pensa isso? — perguntou Damião confuso e aturdido, ao descobrir que não era só ele que duvidava. Não conhecia Mathias, mas sentia uma admiração e um respeito que não sabia de onde vinham. O moço parecia um irmão. “Quem é essa criatura que acalma a minha mente, que me diz palavras brandas, que suaviza a aflição que se passa no meu coração?”, indagava Damião consigo mesmo, “De onde vem esse ser tão novo e tão velho, tão simples e tão estranho?”. Ficou parado a observar Mathias. Então, o jovem continuou a conversar:

— Porque penso que Deus é amor puro. Porque penso que nenhuma pessoa órfã deve temer o seu pai biológico, por mais que ela nunca o tenha visto. No fundo, a criança não teme o pai, pelo contrário, sofre uma angústia, pois deseja encontrá-lo para, pelo menos, saber quem é, e ver se tem algo nele, que exista na essência dela, só pra ver e conhecer a sua matriz, ver o rosto da-quele que tomou a atitude de lhe dar vida junto com sua mãe.

Ao ouvir essas palavras, Damião teve a certeza de que estava diante de outro ser que o compreendia. Sabia que não eram ligados por laços de sangue, mas de alguma forma havia uma ligação e uma relação entre ele e aqueloutro.

— Você é também outro doido — disse o homem ao rapaz.

— Não, meu amigo. Não somos loucos coisa nenhuma. Somos apenas como essas crianças que acabei de descrever. Crianças que sabem da existência do seu Pai Maior e, como apenas sentimos que Ele existe e que está em algum lugar (porque assim sentimos e assim nos ensinaram), nós O procuramos desejosos de encontrá-Lo, pelo menos, para vermos a Sua face.

— Então, eu não sou doido?

— Não, meu caro. É apenas uma criança que está sendo mal compreendida, que está trilhando um novo caminho, para encontrar o seu verdadeiro Pai e está sendo malvisto por aqueles que dizem saber o caminho correto. Eles o chamam de louco, todavia não sabem que você é apenas uma criança criativa, uma criança que não foi domesticada. Está apenas buscando Deus por um novo caminho, diferente do deles.

— Eu, criança criativa? — disse Damião, ainda sem entender direito o que Mathias estava dizendo.

— Sim. Você é uma criança criativa.

— Criança criativa... criança criativa — Damião repetia interruptamente as mesmas palavras sem parar e abraçava o novo amigo que tinha encontrado. As sombras da noite se aproximavam naquele instante, cobrindo como um cobertor aquela cena de harmonia e verdade, as estrelas apareciam no céu, contemplando o momento e, como dois vultos que se uniam à escuridão, eles desapareceram ao cair da boca da noite.

A LEMBRANÇA

O dia nasce junto com o sol de maneira impoluta. As pessoas se dirigem ao comércio, abrem suas lojas, dirigem-se para o trabalho. O padre bate o sino, as janelas das casas começam a se abrir, são seis horas da manhã e Mathias já estava acordado, observando a natureza e contemplando a água da boca da fonte, que se localizava no fundo da igreja.

— Que coisa interessante! — pensava Mathias, com os olhos latentes, observando o reflexo de sua imagem na água. Colocou suas mãos na fonte e sentia de maneira suave e fria a água dispersando-se para dar lugar a sua mão que a penetrava de maneira leve e indolor.

“Parece mágica!”, pensava Mathias maravilhado com a magia do natural e afirmava a si mesmo, “Deus existe! É perfeito, assim como a natureza criada por Ele”, dizia

essas coisas e se lembrava da escola e da disciplina de ciências. A professora uma vez tinha explicado que a água dos rios, lagos e mares evaporavam com o calor do sol, depois se condensavam, transformando-se em nuvens e, à medida que a temperatura do dia ia caindo, o processo de condensação nas nuvens ia aumentando cada vez mais, tornando a nuvem mais pesada, que devido à lei da gravidade, se precipitava e caía. À medida que caía em blocos de água, o vento, como um artesão, cortava e retalhava jatos e mais jatos de água, transformando-os em gotículas, que se encontravam com a terra, com os rios, lagos e mares. E isso era, e é perfeito. E o mais misterioso é que isso tudo tinha um porquê, as gotículas serviriam de alguma forma para a fertilidade e umidade do solo, para manter vivos os microorganismos e as plantas que, durante o dia, respiravam o gás carbônico expelido por nós, e exalavam o oxigênio que nós respirávamos, e todos esses fenômenos também eram perfeitos. Tudo estava emaranhado, interligado.

Saindo da fonte e indo em direção à praça, Mathias parecia refletir e pensar sobre outras coisas. Em meio a tanta paz de espírito, Mathias também se lembrava de coisas ruins. Lembrou-se de uma vez que morou em Itagi, pequena cidade do interior no sul da Bahia, localizada no Território Médio Rio das Contas, entre Jequié, Ponto Novo, Itajuru e Oriente Novo. Lembrou-se que certa vez em Itagi, existia uma família um

pouco estranha, “diferente”, segundo os parâmetros culturais da época.

Mathias tinha apenas 7 anos na época, por volta do ano de 1968. Recordava que nessa família havia um homem, que se chamava Jazias, o chefe da casa. Jazias alimentava três filhas e um rapaz, sua esposa lavava roupas para ajudar na renda da família. Certo dia, o homem teve relações sexuais com uma das filhas, a de quinze anos. O incesto chocou a comunidade itagiense, as pessoas choravam pela garota, outras se revoltaram, enquanto outra parte apenas orou pela pobre menina, vítima da ignorância do pai, que se defendia dizendo um argumento indigno, dizia ele que “Antes das filhas perderem a virgindade com qualquer rapaz, ele tiraria a virgindade delas primeiro e, só depois, permitiria o namoro das filhas com outros garotos”. Assim, falava Jazias em cada esquina e bar que frequentava, sempre afirmando que essa atitude era uma questão de honra.

Os anos se passaram, e Jazias tentou novamente o mesmo ato, agora com uma segunda filha, a de treze anos. A menina conseguiu fugir, pediu ajuda a alguns amigos e, depois, foi morar em Salvador, na casa de uma prima.

As pessoas comentavam que o homem não estava só em seus atos, o demônio estava dominando-o, fazendo com que tomasse tais atitudes. Todavia, Mathias conhecia Jazias, ele trabalhava na mesma fazenda que o

seu padrasto. Jazias aparentava ser uma figura tranquila, brincalhona e bastante humilde.

Até que um dia, quando Mathias realizava a colheita do cacau, sentiu vontade de fazer suas necessidades fisiológicas, dirigiu-se aos matos próximos das folhas de cocó, quando arriou as calças e pensou em abaixar, ouviu sussurros meio distorcidos, como se fosse alguém chorando baixinho e de forma angustiante. Quando levantou meio olho sobre os cocós, ele teve um calafrio, que começou pela espinhela e subiu até o pescoço. Sentiu seu corpo tremer, com um frio macabro.

“Senhor Jazias!”, falou Mathias em pensamento.

O homem estava sentado numa pedra, chorava e olhava uma foto da filha mais nova, de onze anos, ao mesmo tempo em que parava de olhar, fechava os olhos dizendo, “Isso não era para acontecer. Como isso foi acontecer? Eu só quero tirar sua virgindade, filha”, enquanto dizia essas coisas, sua mão direita apertava o pênis com bastante força, começou a se masturbar. Outras palavras saíam de sua boca, “Eu te adoro, minha filha, eu não tenho culpa de estar apaixonado por você, quero você! Não sei como, só sei que quero!”. À medida que falava, masturbava-se mais forte e brigava com algo que tentava dominá-lo, queria revidar, mas não conseguia, falava em se matar e, quando Mathias menos esperava, o homem parou, como se estivesse morto e sussurrou, “Ana”. Era o nome da filha mais nova. Junto com o

sussurro, a ejaculação. O corpo estremeceu descarregando toda uma energia maligna, e aos poucos foi se acalmando e agradeceu a Deus por aquele momento ter terminado. Enxugou o líquido viscoso e branco em sua própria calça.

Mathias, ainda meio atônito, saiu correndo sem olhar para trás. Desse dia em diante, nunca mais foi ajudar o seu padastro na roça, disse que ficaria plantando hortaliças no fundo da casa, mas que não iria mais para a roça de cacau.

Essa história era um pouco esquisita e trágica. Já tinha contado para alguns moradores de Ponto Novo. Mathias queria esquecê-la, não conseguiu entender por que motivo se lembrou da história. O fato é que, de alguma forma, ao observar a água, lembrou-se de Deus e, no mesmo momento, começou a se lembrar do mal, trazendo para si recordações do fato passado em Itagi. O certo é que ele acreditava em Deus, porém de uma forma diferente das pessoas de Ponto Novo. Também tinha consciência de que o mal existia, só o que tinha dúvida era se o diabo realmente existia. Pensava em Deus como uma força superior, que unia os seres e os elementos naturais, de forma que, através dessa união, interpretada por ele como “amor”, teriam origem a vida e o equilíbrio entre os seres. Mas e o diabo? Seria também alguma forma de energia maligna? Não queria mais pensar nessas coisas, queria apenas esperar o ami-

go Damião, que tinha ido comprar uns pães e ainda não tinha retornado. Quando Damião chegou, sentiu que Mathias estava com frio e lembrou-se das palavras de sua mãe, quando ele sentia frio na hora de dormir. Damião pegou os pães, deu um para o amigo e disse, lembrando o que sua mãe sempre dizia:

— Não sente frio, homem moço! Observe o vento e compare-o com o teu criador, você não pode vê-lo, mas pode senti-lo.

O PROFANO E O SAGRADO

Era noite, alguns moradores do distrito se reuniam na praça em frente à Igreja.

Antenor Quaresma contava seus causos e recitava alguns de seus versos, sorria e falava as suas indignações, dizendo que em Ponto Novo tudo era errado, pois lá existia uma fazenda que se chamava Bela Vista, porém a fazenda ficava em uma depressão, um buraco, e só podia ser vista de cima das montanhas. Ainda assim, o que se via era apenas uma casa velha e uma terra seca, com um jegue amarrado numa cerca malfeita. Dizia que, em Ponto Novo, quem era chamado de Anjo era um velho e a quem se chamava de Velho era um menino novo, uma mulher feia se chamava Bela, um homem medroso era chamado de João Valente, uma mulher se chamava Graça, e ele não achava que ela era engraçada. A mesma tinha um filho apelidado por Brinque.

Esse Brinque só vivia pela rua, brigando e batendo nos outros garotos. Segundo o velho Antenor, seria melhor chamar o menino de “Brigue”. Falava de uma menina que se chamava Preta, contudo era branquinha, parecendo uma neve, já a mulher que se chamava Branca era da cor de um carvão.

As pessoas ouviam as histórias de Antenor Quaresma e se divertiam, gostavam dos causos e do jeito divertido do velho. Antenor andava com um caderno de anotações no bolso da blusa, pois tinha perdido a audição, precisava que as pessoas escrevessem no caderno o que queriam falar com ele, só assim ele poderia captar o que as pessoas desejavam conversar. Fazia tudo isso, não só porque perdera a audição, mas pelo prazer de ver as letras, ali, expostas em seu caderno. De acordo com o velho, as pessoas não entendiam que as frases que escreviam para ele no caderno eram manifestações do espírito de cada um, uma tentativa de externalizar uma imagem acústica, ou seja, um som, o da voz, que naquele momento não poderia se manifestar por meio oral, apenas por escrito, representado em desenhos simbólicos e convencionais: as letras. Antenor era um amante das letras e sabia da importância da escrita no meio social.

As crianças brincavam pela praça de amarelinha, outras de pega-pega. De repente, no meio das crianças, ouviam-se gargalhadas e um grito: “Oi nós!”, era

Carlito, uma figura muito querida no distrito, era um homem baixo, às vezes de barba, às vezes não. Carlito dizia que fazia e desfazia a barba para ficar diferente, pois não gostava dos japoneses, porque eram iguaizinhos, é como se todos os japoneses tivessem saído do mesmo buraco, como se a mãe fosse uma só, “Parecia coisa do diabo!”, dizia Carlito. Amava o povo brasileiro, justamente, por causa da diversidade. Era pai de família, tinha quatro filhos, vivia com a esposa Iraci, mulher trabalhadeira e querida também por todos.

Carlito vinha da roça e foi chegando perto da roda de causos e, como sempre, gostava de fazer gozações com os mentirosos do distrito. Quando se aproximou da roda, percebeu que a palavra já não estava mais com o velho Antenor e, sim, com Astolfo, um mentiroso da região, que já estava de cócoras, fumando um cigarro de palha, olhando com os olhos arregalados para todos os presentes e contava:

— Ói, foi brinquedo não! Hum! Eu acordei cinco horas da manhã pra tirar o leite das vaca e fui pegar meu cavalo. Quando cheguei no currar, cadê o bicho? Ói! Fiquei aperreado, procurei, procurei o bicho e não encontrei. Cuma tinha que acumprir o horário na roça, fui tirar o leite sem o diacho do cavalo! Trabalhei o dia todo sem a compaia daquele infeliz. Entonce, quando apercebi que o sol tava querendo arriar, pensei, “Hum! Nem que eu durma doze horas da noite, mais eu vou

achar o diacho do cavalo”. Peguei meu lampião e partir mata adentro. Quando tava andando por dentro da mata, sentir uma pancada no meu ombro, virei, olhei prum lado, olhei pro outro, e nada! Continuei procurando. De repente, outra pancada, dessa vez na cabeça.

Quando olhei o que me atingiu, vi um bago de jaca no chão, dispois, o relincho de gozação. Quando levantei o lampião, vi o cavalo em cima do pé de jaca, com as pernas e os quarto cruzado com uma jaca na mão, comendo e rindo de minha cara! Ói! Mais veja umas coisa dessa!!

Carlito, que já não gostava da coisa, abriu a boca dizendo, “Isso bem que é verdade! Porque estudia...”, aí começou a contar outra mentira, pior do que a de Astolfo, e todos começaram a rir. No meio daquelas brincadeiras e gozações, o sino da igreja bateu, todos que estavam rindo pararam de rir. Carlito, Astolfo e Antenor ficaram sérios, fecharam os olhos e se benzeram, fazendo o sinal da cruz. Eram sete horas da noite, a hora da missa. Como de improviso, todos se perfilaram em grupos e, como se estivessem hipnotizados, com o olhar perdido, dirigiram-se à igreja.

O Sr. Carmozino, um dos comerciantes do local, acompanhava a multidão, carregava uma cruz de madeira de um metro, descansava-a no ombro, segurando com as duas mãos a base vertical. E como em uma procissão improvisada, começaram a cantar umas ladainhas

sagradas. Aquilo era uma espécie de ritual sagrado, que eles repetiam todos os dias, antes de fazer as novenas nas casas.

Aquela noite foi mais calma, pois Damião não apareceu por lá, tinha passado a noite no Piquete.

A devoção era um fato concreto, enraizada na mente das pessoas daquele local. Viviam na pobreza e a única riqueza que tinham era a sua fé, a crença de que um dia o Senhor Jesus voltaria por entre as nuvens e administraria o Reino de Deus na Terra, exterminando a pobreza e toda miséria do mundo. Além de viverem nessa crença milenarista, acreditavam serem os escolhidos de Deus, porque como diziam a Bíblia e o padre Jonas, “Bem aventurados os humildes, pois estes herdarão a Terra”.

O SONHO

Fazia um tempo que Mathias não aparecia mais no mercado do Senhor Domingos nem dormia mais na casa do comerciante. Adotou junto com Damião, o Alto do Piquete como dormitório e no terceiro dia da Semana Santa dormiram por lá.

E, naquela noite, enquanto dormiam, Mathias parecia não ter sono, estava com os olhos semiabertos. De nada, começou a enxergar um vulto que se aproximava. Quando abriu mais os olhos, viu que era uma menina que se aproximava. Tentou acordar Damião, mas este estava imerso em um sono profundo. A menina era um pouco baixa, um metro e sessenta, o rosto era como o de um anjo e seu corpo bem definido. Usava uma camisola branca e muito sensual.

Aos poucos, foi se aproximando de Mathias, com um olhar de desejo e querer. Mathias entendeu o que

ela queria e preferiu não acordar Damião. O rapaz parecia excitado. A garota se aproximou. Mathias sentou-se lentamente na grama. Ela o olhava com um olhar de pecado, fechava os olhos e deixava a boca semiaberta, suspirando o nome de Mathias, “Ma-thi-as!”. O jovem tremia e, como por instinto, começou aos poucos a abrir as pernas. A garota foi adentrando entre as coxas de Mathias, lentamente começou a alisar o rapaz dos joelhos em direção à virilha em um movimento repentino de vai e vem. O rapaz aproximou o seu rosto ao da garota, as bocas estavam próximas, e o hálito da menina despertou os instintos mais profundos de Mathias.

Um beijo voraz aconteceu e, como dois animais no cio, ambos começaram a se estraçalharem em suspiros. O rapaz tirou o sutiã da menina, chupava os seios de forma a querer sugar algo que parecia necessitar nela. A moça tirou a blusa de Mathias, passeava com as mãos nas costas e na cabeça do jovem rapaz, empurrando-o para baixo. Mathias arrancou a calcinha, a ponto de rasgá-la, e, como um animal, começou a sugar o clitóris, com a língua fazia movimentos, que a menina adorava e o puxava mais ainda para dentro dela.

Ele, entendendo o que ela queria, abriu o zíper da calça e pe-ne-trou-a. Ela suspirou de prazer. Deitados na grama, ela ainda por baixo, empurrava-o para dentro dela, puxava-o pelas nádegas. Ambos estavam em suspiros, quando de repente atingiram o êxtase. Sentiram

algo místico e surreal, era o gozo, que pareceu durar uma eternidade. Tão bom, tão lindo, tão simples...

Deitado sobre a menina, Mathias descansava a alma. A menina o olhou nos olhos, ambos trocaram olhares por alguns instantes.

De repente, a menina foi ficando cabisbaixa e começou a chorar. Mathias se assustou com aquilo, o choro pouco a pouco começou a aumentar, a grama começou a tremer, o chão foi se abrindo, e uma mão surgiu do nada de debaixo da terra e segurou a menina pela cintura, arrastando-a para baixo. A garota gritava, gritava... Mathias tentava puxá-la, mas não conseguia. A terra ia afundando e junto com ela, a garota. “Mathias!”, gritava. Pedia ajuda a Damião, que parecia estar morto.

A menina foi se sufocando e afundando com toda aquela terra. Mathias gritava e se desesperava...

— Mathias! Mathias! — gritava Damião, tentando acordar o amigo.

— Mathias abriu os olhos, já era dia. Olhou para Damião, que estava a sua frente.

— Tava tendo um pesadelo, Homem moço? Que bom que acordou — falou Damião um pouco assustado.

— É — respondeu Mathias.

Naquele momento, tinha percebido que estava sonhando. “Só foi um sonho”, pensou. Olhou para o amigo que estava ao seu lado e começou a chorar. Damião o

abraçou, não entendia o por- quê do choro, procurava apenas acalmar o rapaz.

— Só foi um sonho! Só um sonho, homem moço!
— dizia Damião.

Mathias, como uma criança, continuou a chorar baixinho no ombro do amigo.

O ESTUPRO

Era noite de quarta-feira. A missa tinha terminado. As pessoas se reuniam na praça para ouvir o jogo de futebol, que estava sendo transmitido pelo rádio de Antenor Quaresma. O rádio estava pendurado por uma corda em uma árvore no meio da praça. O velho Antenor não ouvia a narração, mas pedia às pessoas que anotassem os resultados dos gols.

Damião se aproximou com Mathias. O primeiro, divertia-se com a voz ligeira e emolada do locutor da rádio, já o segundo, isolou-se em um canto próximo da árvore e sentou-se. Ficou ali alguns minutos sério e calado, passada meia hora, começou a falar sozinho:

— Aquele pai, não era um pai! Era um monstro, talvez o próprio demônio em pele de gente — quando terminou de dizer essas palavras, as pessoas esqueceram

o jogo de futebol do rádio e se dirigiram para perto de Mathias.

O velho Antenor emburrou com aquela atitude das pessoas, pegou seu rádio e se retirou para casa.

Mathias continuou o seu relato, só que desta vez não olhava nos olhos das pessoas, estava com um olhar perdido:

— Eu conhecia a terceira filha que Jazias tentou abusar — continuou Mathias. — Era magnífica, vocês precisavam vê como ela era bonita, o quanto era inteligente, gostava de estudar. Já o pai era aquela peste!

— Você era amigo dela, Mathias? Muito próximo? — perguntou curioso Carlito.

— É. Quase isso, Carlito — respondeu Mathias. — Sempre, a gente se encontrava, quer dizer, éramos colegas. Ela era mais nova do que eu e, como eu tinha atrasado dois anos na escola, ela foi e me acompanhou na 8ª série.

— Ôxem! Mathias?! Num credito que tu tão sabido, já perdeu de ano! — falou Belóra.

— Nada disso, Belóra — respondeu Mathias. — É porque tive um problema de saúde e precisei fazer tratamento durante dois anos, aí fiquei afastado dos estudos, entende?

— Ôxem! Deixa o rapaz falar, Belora! — interrompeu meio chateado Carlito.

— Todos os dias, saíamos das aulas mais cedo, só para ficarmos conversando. Um dia, fomos para o rio do Poço da Mãe d'água, chegando lá...

— Ué? Rio do Poço da Mãe-d'água?! Ô xente! O que é isso?

— perguntou Belora.

— É um rio de Itagi, Belora — respondeu Mathias. — Um rio que possui uma cachoeira que deságua numa parte de poço, que depois escorre rio abaixo em direção a outro rio, o rio de Cândidu.

— Lá ele! Agora é que eu não entendi nada?! — disse Carlito, — E quem era essa tal de Mãe-d'água, era a proprietária das terras onde fica esse rio aí?

— Não, não Carlito — falou Mathias, sorrindo. — Não, mãe d'água é uma sereia. Segundo a lenda e os mais velhos, às vezes, quando os trabalhadores da fazenda iam tomar banho à tardezinha, depois do serviço na roça, diziam os mais velhos que a mãe-d'água aparecia cantando um canto místico, que acabava encantando os trabalhadores. Eles avistavam a sereia de frente da cachoeira e se dirigiam para ela, andavam sobre as águas e não percebiam, por causa do encanto. Quando caíam em si, já estavam afundando nas águas do poço, e uma força estranha os arrastava para o fundo do poço. Os trabalhadores desapareciam e não retornavam mais as suas casas. Mulheres, filhos e parentes choravam a sua falta. Tanto que o poço, até hoje, é frequentado mais

pela manhã e, de preferência, por grupos de pessoas, para que não aconteçam novamente outras tragédias.

— Crondospade! Mangalô três vez! Tá repreendido. Hum! Hum! Hum! Quando eu for a Itagi, não quero meia desse poço — falou Belora se benzendo e batendo no tronco do pé de árvore.

Mathias continuou:

— Quando chegávamos lá, deitávamos nas pedras e olhávamos para o céu. Ela dizia que a cor que ela mais gostava era azul, dizia que iria se formar e ser médica, pois queria salvar a vida das pessoas. Acreditava que a vida era o maior presente de Deus para todos nós. Ela odiava a injustiça, queria ajudar a todos, possuía uma alma boa, falava de tantas coisas boas. Eu num entanto, só queria que o dia não acabasse, para poder ficar com ela o dia todo. Porque durante a noite, eu tinha que dormir na casa de minha tia e tomar meus remédios, sem puder sair.

— E aí, Mathias? O homem lá estuprou essa filha também? — perguntou Carlito.

— Ele, ele... Ele fez... — respondia Mathias, quando foi interrompido por um choro, que vinha do outro lado de uma cerca, dentro de uns matos próximos dali.

Quando todos olharam, eis que saía entre os matos e a cerca uma garota toda ensanguentada e mancando, pedindo ajuda. Todos correram para socorrê-la. Ma-

thias ficou paralisado com o que via, a pressão baixou, começou a desmaiar. Damião, percebendo o estado do amigo, encostou para segurá-lo. Foi uma confusão geral: enquanto uns corriam para socorrer a garota, outros ajudavam Damião com Mathias. Em meio à confusão, mandaram chamar o padre Jonas.

Ao perceber que seu amigo já se recuperava, Damião foi ao encontro da menina que já recebia os primeiros socorros. Olhou-a nos olhos, com um olhar de piedade. A garota fixou seu olhar no de Damião e, por alguns segundos, ficaram em silêncio se olhando. Damião a olhava e pensava em Deus, queria que Deus tivesse evitado o sofrimento daquela garota. O olhar de Damião era um olhar de conforto, um olhar amigo, de preocupação. Era como se estivesse perguntando algo à menina. Sem que todos esperassem, a garota revelou o que tinha ocorrido:

— Fui estuprada! — sussurrou a menina. Damião regalou os olhos com aquele depoimento.

“Um estupro!”, pensou Damião. Uma angústia veio em seu peito, os olhos se encheram de água, e uma vontade de chorar tomou conta do seu ser. Lembrou-se do padre que tinha lido sobre o livro da vida e o destino de todos traçado por Deus. E que todos os fatos acontecidos na vida de uma pessoa, bons ou ruins, seriam vontade de Deus.

Quando o padre Jonas chegou ao local e olhou para a menina, a garota virou o rosto para vê-lo, Damião interrompeu aos berros:

— Você — apontou para o padre —, pelo amor de Deus, homem de Deus! Dê para eu uma resposta. Deus sabe quando nós vamos morrer? O padre meio sem jeito:

— Ora, Damião, isso não é hora para perguntas tolas, preciso ajudar a menina.

— Deus sabe quando nós vamos morrer? — gritou alto Damião, que já batia as mãos na cabeça, demonstrando nervosismo.

Carlito foi em direção ao padre e disse:

— Acho melhor o siô respondê o que ele quer e pode deixar que nós cuida da menina.

— Não! — disse o padre a Carlito. Virou-se para Damião em tom arrogante:

— Sim, claro que Deus sabe quando vamos morrer, pois Ele é onisciente, sabe tudo — o padre respondeu o que Damião queria e voltou-se para a garota. Começou a limpar o sangue.

Damião começou a contar os dedos e a balançar a cabeça como se dissesse não.

— Então, Ele sabe das coisas que acontece? — perguntou de novo Damião.

— Por favor! Alguém tire esse infeliz daqui! — berrou o padre.

— Se ele sabe da vida de todo mundo, então, Ele sabia que essa menina ia ser estuprada? E por que ele não evitou o estupro, homem de Deus, já que ele é poderoso, bom e misericordioso? — desabafou Damião histérico.

O silêncio pairou no local, as pessoas olharam para Damião, que sacudia a cabeça, dizia “Não” bem baixinho e dava socos na cabeça. Todos olharam para o padre, que estava em estado de choque com a pergunta de Damião.

— Ora, é melhor você calar a boca e...

— Vamos, padre, responda a pergunta do homem!
— inter-rompeu Mathias.

O padre olhou para as pessoas ao redor, levantou e disse:

— Quando Deus criou o homem, Ele traçou seu destino, só que também lhe deu o livre-arbítrio, e às vezes o homem não sabe utilizar bem esse dom e escolhe fazer atos maldosos.

— Sim, padre — retrucou Mathias. — Mas se for como você mesmo diz, se o destino já está escrito por Deus, então, não existe liberdade de escolha. É como se fôssemos personagens do livro da vida escrito por Deus. É como se já fôssemos predeterminados, ou seja, o início, o meio e o fim de nossa vida já estariam traçados e escritos por Deus no livro da vida.

— Tu tá dizendo que Deus já sabia que a menina ia ser estuprada, homem moço? — comentou Damião, interrompendo a conversa.

“Ele sabia que ela ia ser estuprada e sabia que ele iria estuprá-la e não fez nada para evitar. Como Deus pode fazer isso? Ele é Deus, é poderoso, poderia ter mandado um raio, ou ter feito o estuprador sentir uma câimbra, ou algo assim, ou talvez não! Já que ele nos ama tanto, talvez ame o estuprador também, estou ficando confuso...”, os pensamentos tomavam conta de Damião.

— Se for como o padre disse — continuou Mathias —, Deus escreveu em seu livro da vida: a vida da menina que sofreu o estupro e também escreveu a vida do estuprador. Por essa lógica, Deus escreveu o estupro que essa garota sofreu hoje. Ou ele deixou que o demônio se divertisse com o sofrimento desta garota? Então, nesse caso, onde fica a liberdade da estuprada e do estuprador, padre? E o bem? E o mal? E o amor de Deus?

A praça foi enchendo de gente que vinha para ver a menina e as pessoas acabavam entretidas na conversa de Mathias, Damião e o padre. Dona Genésia se benzia diante de tanta heresia, o padre, ainda sem resposta, olhava apavorado os dois homens que estavam na sua frente: um louco e um rapaz sádico, que pareciam vir do inferno para afrontá-lo. As pessoas estavam confusas com a situação.

— Me responda, padre! — gritava Mathias. — Onde está a liberdade do estuprador? Onde está a liberdade da estuprada? Onde há liberdade nesta história? Já que Deus nos privou dela, fazendo de nós fantoches, somos marionetes de Deus! É isso que está nos dizendo, padre Jonas!

Naquele momento, senti um vazio preencher meu peito. A dúvida reapareceu em minha mente, não entendia o que aqueles dois queriam. O quê pensavam de Deus? O estranhamento pairou no meio das pessoas. Afinal, se Deus era onisciente e onipresente, se sabia e sempre esteve em todos os lugares, por que não evitou o estupro? Será que com a sua onipresença, apenas assistiu o ato? Mas Deus não é bom? Como permitiria o mal? Fiquei intranquilo, olhava para o padre, para Dona Genésia e para os outros na esperança de ouvir uma resposta racional e plausível, por fim, escutei apenas um enigma:

— Deus escreve certo por linhas tortas — falou Carlito.

Outros no meio da multidão disseram a mesma coisa. A frase de Carlito serviu como um chá de maracujá, um anestésico, algo que, aos poucos, começou a acalmar as pessoas. A frase foi ali- viando a dor daquelas perguntas, que gritavam dentro de muitos. Os moradores levaram a menina para a igreja, todos começaram a se dispersar.

Mathias, com o olhar de ódio, fixava-se no padre, este não o encarou nos olhos, baixou a cabeça e se retirou também, junto com as outras pessoas

Damião estava triste, pois não encontrou a resposta que queria, ficou de pé olhando para Mathias.

As pessoas se retiravam para as suas casas. Mathias baixou a cabeça e começou a caminhar em direção a Rua do Piquete. Damião seguia Mathias meio que sem jeito, de vez em quando, olhava para trás, observando as pessoas que desciam uma ladeira na rua da igreja e, aos poucos, iam desaparecendo.

O RELATO

Estava com quinze anos, quando, sentado de frente para a Igreja, vi uma multidão que vinha do Bairro Novo. Vi uma criança algemada e uma mulher que se dizia a delegada de Ponto Novo arrastando um garoto e o povo comentando que o menino havia matado o coronel Óguedes Ferreira.

Fiquei abismado com o que ouvia e via. Ouvia as histórias de como o menino tinha matado o coronel e via uma criança de onze anos, magricela, parda, de olhos azuis, cabelos cacheados, incapaz de fazer mal a uma mosca, mas, como dizia Antenor Quaresma, “Quem vê cara, não vê coração”.

Foi a primeira vez que presenciei uma coisa daquelas. O padre saiu da porta da igreja junto com Dona Genésia, Seu Marciano e outros. Estavam preparando o altar da igreja para a Sexta-feira Santa. Quando olha-

ram o menino, logo se benzeram. O menino era sonso e frio, estava tranquilo. Na face, nenhum indício de arrependimento, ou de dor, apenas frieza.

Doravante, vinham os trabalhadores da fazenda com o corpo do coronel. A barba do defunto estava toda ensanguentada, mal dava pra ver o rosto. Disseram que a criança tinha atirado na testa do fazendeiro. Uns diziam que o garoto invadiu a fazenda do coronel Óguedes para roubar mangas, outros disseram que foi para comer jaca, e havia outros que disseram que foi para caçar passarinho. O certo é que, de qualquer forma, o coronel viu o menino invadir suas terras sem permissão e correu atrás do intruso, mas o moleque estava armado com uma espingarda, e o fato é que o garoto parou de correr, mirou o coronel e atirou. O tiro pegou na testa, a morte foi instantânea.

A comunidade pontonovense parou para tentar decifrar o que tinha acontecido. O quê fazer agora? Ponto Novo era distrito do município de Dário Meira, antiga Cajazeira. Dário Meira tinha na época um posto policial, enquanto Ponto Novo era carente de segurança pública, não tinha nada: nem delegado, nem policial, nem guarda, nem justiça, nem lei. Como julgar aquele ato? O quê fazer com a criança? Prender? Como não havia lei constitucional, cabia a Igreja julgar o que fazer, e como de costume, mandaram chamar o padre Jonas.

O sacerdote veio ao local, disse aos moradores que levaria o menino para igreja e lá o jovem se confessaria e, a depender da confissão e do pecado, poderia condená-lo ou absolvê-lo.

Enquanto o padre conversava com os moradores sobre o quê fazer com o menino, aproveitei o momento e aproximei-me do moleque, olhei-o nos olhos. Ele estava parado, de joelhos, olhando para o corpo do coronel que estava estirado no chão. Cheguei perto dele e disse:

— Você está arrependido?

Ele olhou para mim e disse que não. Aquela resposta me assustou. O garoto respondeu com muita calma e gelo. Fiquei pasmo! Mas ainda assim, continuei perguntando:

— Você acredita em Deus?

— Sim — respondeu o menino, com a mesma tranquilidade.

— E por que você matou o coronel? — perguntei, sentindo um pouco de calafrio.

— Você tem medo de morrer? — o garoto me perguntou. Fiquei sem jeito, esperei uma resposta, e ele me fez outra pergunta:

— Você ama seu pai e sua mãe? — continuou me perguntando. Não consegui entender o que ele dizia. Então ele continuou:

— Eu tenho um pai e uma mãe, sabe? E um irmãozinho de sete anos também. Você tem um irmãozinho

de sete anos? — ele me dirigiu essa pergunta, eu apenas balancei a cabeça dizendo que não. Aí, ele continuou:

— Eu não queria matar ele — apontou para o cadáver. — Fui até a fazenda dele, pegar uns passarim pro meu irmãozim. De- pois, eu ia entrar mata adentro pra caçar alguma coisa. Bem, o meu irmão gosta de passarim, sabe? Eu pego o passarim com o alçapão, aí coloco numa gaiola e o bicho fica cantando o dia todo, sabe? E meu irmãozim fica feliz, ele mesmo cuida do passarim, dá arroz e alpiste pro bicho.

— E por que você matou o coronel? — tornei a perguntar com um pouco de medo.

Então, ele me respondeu:

— Porque, quando ele me viu na fazenda, saiu correndo atrás de mim com um porrete, dizendo que ia me matar e depois acabar com a minha raça. No momento em que ele falou em me matar, eu nem liguei. Já vivi onze anos, sou cobra criada. Agora, quando ele disse que ia acabar com a minha raça, aí eu me assustei, fiquei apavorado, sabe? Porque meu avô dizia que a nossa família era uma raça de gente boa. Entende? Ele disse que nós era uma raça de gente boa, apesar dos apesar. Imaginei ele matando a nossa raça: minha mãe, meu pai e meu irmãozim. Imagine! O meu irmãozim de sete anos morto! Aí, não deu pra segurar. Quando ouvi isso, fiquei com medo de morrer primeiro e não pudê evitar as morte na minha casa. Foi quando eu parei, olhei pra

trás, mirei na testa e atirei. Pum! Matei ele primeiro. Depois que ele caiu, peguei o porrete que ele trazia e dei umas cacetas no rosto dele, só pra garantir, sabe? Se ele talvez não tivesse falado que ia acabar com minha raça... Talvez, isso não tinha acontecido... Tinha apenas corrido das pauladas, moço... Queria matar ele não... mas também não podia deixar ele acabar com aqueles que tanto amo.

Fiquei pasmo com a narração do garoto de onze anos, que se emocionou, enquanto relatava o fato acontecido. Eu ouvi tudo e senti um calafrio por dentro. Ali, no momento, percebi algo. O garoto era uma vítima tanto quanto o defunto. O defunto vítima da ideia de posse, de ser maior que outros, por possuir terras e cair na ilusão de que é dono delas e por acreditar nas instituições sociais criadas pelos homens: cartórios, fóruns, leis que lhe garantem a propriedade privada.

Tais fatores o levaram a correr atrás do garoto, a ponto de perder a própria vida. Já o menino, vítima de uma “ingênua” ignorância e da má interpretação da linguagem. Ele pensou que a palavra raça naquele contexto se referia à Família, porém não tinha analisado que o contexto em que foi empregada a palavra, naquele momento, era outro. O fazendeiro usou a palavra raça significando apenas a existência íntegra do garoto, ou seja, a vida do garoto.

Já o menino interpretou como sua família e não sua vida. “As- sim são os homens”, pensei. “Criam suas instituições e através da linguagem criam sentidos e concretizam ideias. E tais ideias regem a nossa vidas e a forma de ver o mundo”. Contudo, a palavra é viva e ela modifica seu sentido, de acordo com o contexto em que é empregada. Pena que aquele garoto não sabia disso. Com os olhos cheios de água e um sorriso estranho no rosto, finalizou olhando para mim:

— E respondendo a sua primeira pergunta. Se eu estou arre- pendido? Eu digo a você que não. Pelo contrário, estou aliviado — um sorriso de satisfação e ao mesmo tempo macabro veio no rosto do garoto. — Meu irmãozim não corre mais risco de vida, vai poder continuar brincando com os passarim. Minha mãe e meu pai também ficarão bem. Eu matei a morte antes dela chegar em minha casa — o garoto deu um sorriso, abrindo uma parte da boca e mostrando apenas uma parte dos dentes, como se fosse um meio-sorriso.

Eu me afastei olhando-o. Imaginei o menino como um animal acuado diante da presa e que, como qualquer outro, por extinto, procurou sobreviver e manter a sobrevivência dos seus. O padre arrastou o menino pelo braço e seguiu para a igreja. As pessoas se benzeram, como era de costume, comportarem-se diante de fatos como aquele. Eu sei é que não precisava me benzer, entendi que o demônio não estava ali. “Agiu por

extinto de sobrevivência, instinto de proteção”, pensei. Engraçado, eu não tinha mais medo, mas via o medo nos olhos das pessoas.

O padre levou o garoto para a igreja. Horas depois, deu o veredicto: viu que não era necessário condenar o menino, pediu aos pais da criança que orassem por ele e disse que, a partir daquele dia, o menino ia ser co-roinha da igreja, como uma forma de pagar penitências e ficar mais próximo de Deus, prestando-lhe serviços. Segundo o padre, a culpa não foi do garoto e, sim, do demônio, que o induziu a praticar o assassinato.

O garoto, todos os dias, a partir das três horas da tarde, passou a ir para a Igreja, acompanhado do padre. Os dois se trancavam dentro da casa de Deus, o garoto a pagar penitência, o padre a orientá-lo e a dar os últimos retoques na igreja para a festa da Páscoa.

O REMORSO

Todos estavam ansiosos pela Sexta-feira da Paixão. Queriam ir à igreja assistir a peça da Paixão de Cristo, que era encenada por alguns membros da igreja. Não eram atores profissionais, mas formavam um elenco que agradava a comunidade.

Na Sexta-feira da Paixão, as pessoas fechavam o comércio, e ninguém ouvia som, a não ser que fosse música religiosa. As pessoas, que eram parentes, visitavam-se numa espécie de confraternização. As crianças, jovens e adultos visitavam seus padrinhos e madrinhas, para pedir a bênção. Era um período interessante, momento único, em que os jovens se ajoelhavam diante seus padrinhos e diziam a frase: “Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo e para sempre seja louvado”, e só em seguida pediam a bênção, uma espécie de ritual sagrado, que todos praticavam com a maior devoção. Época de

comer peixe, ouvir ladainhas e rezas na hora do almoço, ver parentes e se divertir.

Lembro-me de uma Sexta-feira Santa, quando tinha doze anos. Fui até a roça de um amigo meu, e marcamos uma pelada. Acabou que nós ficamos tão entretidos no jogo que nos esquecemos do almoço na casa dos nossos parentes. Até hoje, lembro-me de quando cheguei a minha casa, bem depois do meio-dia. Meu pai e minha mãe não se encontravam na residência. Fui à cozinha ver o que tinha para comer. Estava com muita fome. Depois de certo tempo abrindo as panelas, percebi que minha mãe não havia preparado peixe. Lógico! Ela tinha ido ajudar a minha avó a cozinhar, pois, naquele ano, a confraternização da família seria realizada na casa da vovó.

Não tendo o peixe, observei que minha mãe assara um lombo e o colocara no forno, olhei para os lados, não vi ninguém e tirei um pedaço para comer. Tendo terminado de almoçar, sentir um pouco de medo, me arrependi, pensei que Deus poderia me castigar, orei. Orei pedindo perdão. Tinha quebrado a tradição, e aquele sentimento me angustiava. Apavorado, corri e me escondi debaixo da cama, implorei a Deus que não me castigasse nem me mandasse para o inferno. Tentei vomitar e não consegui. Tornei a pedir perdão e a suplicar para que Deus não fizesse nenhum mal aos meus pais pelo meu erro.

Sempre aprendi que não se poderia quebrar a tradição, comer peixe na Semana Santa era algo sagrado. Fiquei pasmo, sentia-me como se tivesse quebrado um mandamento. Estava apavorado e arrependido. Comecei a suplicar a Deus que me perdoasse, orei pais-nossos, várias ave-marias, no intuito de me autopeniteciar. Acabei dormindo.

Algumas horas depois, acordei com um sopapo no pé do ouvido e muita surra de cinto. O meu pai me espancava e me dizia coisas horríveis, por ter notado que havia comido um pedaço do lombo assado, como se eu tivesse cometido o maior pecado do mundo. “Eu mereço”, pensava eu.

Minha mãe entrou no meio da confusão e pediu a ele que parasse com aquilo. Eu estava aos soluços, todo roxo de pancadas. Meu pai parecia um bicho, olhava para mim com um ódio e, ao mesmo tempo, assombrado. Minha mãe o arrastou para a cozinha. Saí correndo de dentro de casa. Falei que não voltaria mais para casa e que não tinha mais pai. “Não tenho mais pai!”, berrava eu com ódio no coração e correndo em direção à estrada.

Nesse dia, não dormi em casa, fiquei a noite toda debaixo de uma árvore, numa fazenda próxima, pensando no que tinha acontecido. Passei a noite toda sem dormir, só pensando:

“Deus não me castigou. Por que meu pai me castigou? Será que o castigo do meu pai foi mandado de Deus? Será que a fome que eu estava sentindo e o fato de comer o pedaço de lombo foram obra do diabo? Será que Deus na sua ira encarnou no meu pai e veio me castigar? Ué! Mas Deus é perfeito, e o meu pai é um humano imperfeito! Como poderia uma forma perfeita que é Deus tomar uma forma imperfeita? Deus é infinito, meu pai é finito! Como poderia uma forma infinita tomar uma forma finita?”.

Essas perguntas começaram a me azucrinar a mente, comecei a ficar confuso.

“Mas meu pai parecia um bicho, tinha ódio no seu olhar. Deus é o bem, o sumo bem! Deus é piedoso. O meu pai não teve piedade, só parou de me espancar, porque minha mãe entrou na frente dele. O padre falava que não podíamos comer carne na Sexta-feira Santa, pois era pecado, e que deveríamos seguir a tradição, os Dez Mandamentos e todas as demais leis de Deus. Meu pai seguia tudo isso. Pela lógica, meu pai deveria estar mais próximo de Deus, e por que praticou o mal para comigo?”. “A maldade”, pensava eu, “deveria ser praticada por pessoas que viviam distantes de Deus. Na verdade, quem é Deus? O quê é Deus?”.

Fiquei com dúvidas diabólicas em minha mente. Lembrava-me do meu pai me espancando, parecia um animal. Só depois de horas de reflexão, percebi que ele

me bateu, porque também estava com medo. Lembrei do olhar de assombro que também estava no olhar dele. O medo o induziu a me bater. Que medo? Medo de ir para o inferno por um erro cometido pelo filho, medo de ser castigado. Medo de que Deus me condenasse. Medo da comunidade comentar que o seu filho quebrou a tradição. Medo dos comentários das esquinas. Então, concluí que ele estava com o mesmo medo que eu: sentíamos medo de Deus! Medo da ira de Deus! O mesmo medo que faz com que várias pessoas entrem em algumas religiões. O medo de ir para o inferno. O medo do sofrimento. O medo que é necessário para obter a salvação. O medo que atrai mais fiéis para uma Igreja do que a própria ideia de Deus. O medo de se afastar de Deus e de se aproximar do diabo. Será que realmente devemos ter medo de Deus? Ou apenas respeitá-lo?

Não compreendia direito o tal medo, mas concluí que era desse medo que eu e meu pai ficamos reféns. Deus nos pedia para amar uns aos outros. Não pedia para temermos uns aos outros. O amor era base da lei de Deus e, não, o medo. De onde vinha o medo?

Foi bom ter chegado àquela conclusão e que bom minha mãe existir. Só então vi o quanto eu e meu pai éramos parecidos, os dois com o mesmo medo, vítimas do mesmo sentimento. Estava com medo da ira de Deus, quando terminei de comer o lombo. Imaginei

Seus olhos onipresentes me observando e me reprovando com ódio. Tive medo de ir para o inferno. Tive medo de Deus. Estava vendo Deus como um carrasco, um líder autoritário, um ditador. E sabia que Deus não era isso. Por que tinha aquela imagem de Deus em minha mente? Quem a colocou lá? “Ajude-me, Senhor! Dai-me paz de espírito”, suplicava. De repente, fui me acalmado e percebendo a verdade: amar o próximo, servir o próximo, seguir os mandamentos, eis tudo. O resto são convenções humanas. Libertei-me. Queria libertar meu pai, “Obrigado, Senhor” pensei e dei graças. Olhei o nascer do sol, senti Deus.

Minha mente descansou, o dia estava amanhecendo, então, resolvi ir para casa dizer a meu pai o quanto o amava, o quanto nós dois éramos parecidos e que fomos vítimas do mesmo sentimento. Naquele momento, tinha compreendido a atitude do meu pai para comigo e fui ao seu encontro.

Chegando a minha rua, avistei um movimento muito grande na porta de minha casa, senti algo de ruim e corri, quando me aproximava da casa, ouvia gemidos de dor e choros agudos. Saí feito um louco empurrando as pessoas que estavam na minha frente. Quando entrei em casa, esbarrei em algo que bateu no meu rosto e caí no chão. Quando olhei, “Não”, suspirou a minha mente, percebi que tinha esbarrado nos pés do meu pai. Ele estava pendurado por uma corda amarrada

no pescoço. A corda se estendia até o ripão do telhado da casa, a língua estava para fora, a boca encontrava-se aberta, e os olhos esbugalhados. Em seu olhar, o mesmo ar de assombro. Meu pai havia cometido suicídio, “Por quê?”, indaguei. Uma das mãos estava entre o pescoço e a corda que o sufocou. Era como se ele, no momento em que pulou da mesa, tivesse se arrependido e tentasse voltar atrás, porém não deu mais tempo. No momento do suicídio, não tinha ninguém em casa.

Minha mãe acabava de chegar. Veio em minha direção, com um choro agudo e nós nos abraçamos. Meus olhos ficaram fixados na expressão do rosto do meu pai. O rosto com o mesmo olhar de medo, só que desta vez não era medo de Deus, mas sim, da morte: medo de morte. Meu pai deixou uma carta:

Pontu Novu, 02 de abriu di 1969.

Fiz uma bestera, ispanquei meu fi sem pricisão, pro modi di quê? Purque faiei im sua inducação, quasi quebrei os oço do mini- no; i agora, eli se foi e dissí qui não tia mais pai i nem casa.

Num sei donde tava cum a cabeça. Eu tava em istado di bicho, achu que eli vai passar a vida toda cum medo i ódiu di eu.

Eu inté que procurei eli, procurei, mas num achei. To cum remorso, sei que eli num vai vortar. Assim, acunteceu

cum eu: condo eu tinha a idade deli, meu pai mi bateu tanto, qi resorvir fugi di casa e inté hoje nunca vortei. Aí, prometi a Deus qi si um dia eu tivesse um fi, eu nunca ia fazer isso cum eli.

Só qui fartei matar o minino, pur causa dum pedaço di carni. Quebrei a promessa cum Deus e acabei cum o futuro do meu fi. Eli é que nem eu, eu cunheso. Eli num vai vorta.

Num so mais digino di viver. Ia matar eli, si a mulhe num chegasi. Senti raiva quando eli fugiu, quando procurei que num achei: prometi a eu mermo qi quando eli chegasi em caza, eu daria outra surra. Mas quá! Num teria essa coragi, mas sei qui ele num vai vi mais pra caza e si um dia eli vortar, diz a eli qui mi discursi e qi eu amava eli e que mi matei, pru modi de que amava eli, i que ante di eu morrer, pedi a Deus que perdoasi eli, pelo pedaço de carni, agora que não perdoasi eu, pela surra que eu dei i pela promessa descumprida, i qui estava mi matando pra qui Deus aceitassi a minha alma im vez da do meu fi. Meu ispirito eu entregarei a Deus i ispero qui Deus se contenti com meu ispirito e não presize do ispirito do meu fi. Fiz uma troca, pru modi amar demais meu fi. Tive medo de Deus castigar eli, medo de vê eli sofrer, por isso, pedi a Deus qi recebessi mia vida num lugar da deli, por isso me matei. Mi discurpe, mulê!

Adeus, meu fi! Pai ti ama! Josirvardo dus Santus.

O CAIR DA TARDE

Damião estava sentado numa grama, próximo de uma árvore. Relembrou a morte dos pais, a frase de Dona Genésia, a casa desabando e a terrível sensação de fraqueza e culpa por não ter feito nada para evitar a morte de seus pais. Os olhos estavam cheios de água. Suspirou um monossílabo:

— Mãe — suspirou Damião, com uma voz cansada e rouca.

Lembrou-se da mãe acariciando sua cabeça, quando tinha treze anos, lembrou-se da mãe abraçado com ele no meio da rua, pondo para correrem alguns moleques que o perturbavam.

A lembrança do pai vinha paralela à da mãe; o pai ensinando-lhe a fazer quebra-queixo, os dois tomando banho de rio, caçando na roça, o pai carregando-o nas

costas, e ele com os braços abertos, fingindo ser um avião. A mãe cuidando dele quando estava doente.

As lembranças eram com flashes de máquinas fotográficas. As lágrimas exalavam dos olhos e lhe veio uma última lembrança: a mãe rindo feliz, abraçando-o e dizendo: “Você sempre será meu orgulho, vou pedir a Deus pra te dar vida longa, e que possa melhorar nossa vida para sempre termos dinheiro para cuidarmos de você, meu filho”.

Damião, com o olhar perdido no horizonte e os olhos brilhantes, contemplava o pôr do sol, aproximava-se dele o amigo Mathias, também triste, trazia consigo dois pães e uma garrafa de cachaça.

Mathias deu um pão a Damião e ficara com outro, sentou-se do lado de Damião e começou a falar:

— Bonito o pôr do sol, não é, amigo?

— É sim — respondeu Damião, com o olhar ainda perdido.

— O quê você sente, quando olha o pôr do sol? — perguntou Mathias.

— Sinto uma coisa boa, homem moço.

— Ah! Consegue me descrever o que sente?

— Hum! Hum! — balançou a cabeça confirmando.

— Então, continue. Descreva-me o que sentes — continuou Mathias.

Damião, quase chorando, começou a falar ao amigo:

— Sinto uma coisa medonha de tão boa dentro de eu, homem moço! Uma coisa tão boa, mais tão boa, que me faz lembrar das pessoas que mais amo nessa vida. Sinto vontade de dizer para esse povo todo que gosto de todos eles, sinto vontade de chorar, sinto vontade de rir, sinto uma sensação muito boa...

— Você sente Deus, Damião — interrompeu Mathias.

— Como assim, homem moço? — pergunta Damião, sem entender direito o que o amigo dizia.

— Quero te dizer que, quando olhamos para algo natural, sentimos o sobrenatural. Quando observamos o pôr do sol, que é um fenômeno natural, por exemplo, sentimos Deus, que é o sobrenatural.

— Ah!

— Daí, percebemos que nós não pertecemos a este mundo natural. Mas, sim, ao mundo sobrenatural.

— Não entendi?!

— Vou te explicar melhor: sinto, às vezes, que, quando olhamos as coisas da natureza e sentimos essa sensação que você está sentindo, não estamos olhando as coisas da natureza com o olhar do organismo, e, sim, com o olhar do espírito, da alma. Entende, Damião? Porque o nosso espírito é imortal e sobrenatural, e pra mim somente o que é sobrenatural pode enxergar o que é sobre-natural. Então, entendo que nessas situações é

o nosso espírito que está interagindo com o mundo de onde ele veio. Entende?

— É de dá medo, homem moço, mas dá para entender! A única coisa que às vezes não entendo são esses mistérios de Deus!

— Como assim, Damião? — perguntou o rapaz.

— Não queria te contar, homem moço, pois tenho medo! — falou Damião, com os olhos esbugalhados.

— Pois me conte. Não tenha medo! — disse Mathias, encorajando o amigo.

— Às vezes não acredito muito na Bíblia. Você sabe que eu não leio, mas às vezes o Sr. Carmozino lê a Bíblia pra mim, quando eu peço. E lá tem umas coisas que às vezes confundi um pouco a gente! — sussurrou Damião, morrendo de medo.

— Você já chegou a comentar isso com o Sr. Carmozino?

— Não, Deus que me livra! — benzeu-se todo, fazendo o sinal da cruz.

— Ora, Damião, por que não? É apenas uma pergunta — disse Mathias.

— Não, vamos dormir que é melhor pra gente esquecer essa conversa — respondeu assustado Damião.

Saiu andando em direção a uma pedra para recostar a cabeça. Junto à pedra tinha um pedaço de papelão, que cobria a grama e em cima do papelão havia uma coberta.

Mathias se levantou, olhou para Damião que já estava se deitando e disse:

— Não fuja do seu lado humano, Damião! Todo homem é um ser de perguntas, e tudo que existe hoje ao nosso redor é fruto do pensamento humano, é justamente fruto de nossas primeiras indagações. Deus nos fez, justamente, para pensarmos e questionarmos. Se não fossem os questionamentos, seríamos iguais aos outros animais, e nada existiria nesse nosso mundo. O cosmo humano é consequência de nossas indagações, são as respostas de nossas primeiras perguntas. As dúvidas são as nossas melhores amigas, até mesmo quando são dúvidas referentes à natureza de Deus. E em relação ao que você disse da Bíblia, penso que não é a Bíblia que confunde a todos nós, mas, sim, as interpretações que os homens (padres, pastores e outros líderes religiosos) tiram da Palavra de Deus, pois acredito que a Bíblia é realmente o legado mais nobre que Deus nos deixou! O problema são os homens!

Damião já começava a roncar. Mathias ficara mais um pouco, refletindo sobre as coisas. Abriu a garrafa de cachaça e começou a degustá-la, pensou consigo mesmo:

“O homem é o maior problema”, pensava Mathias, lembrando-se de uma vez, quando conversara com um pastor na cidade de Itagi. Mathias sempre gostou de ler filosofia: Karl Marx, Nietzsche, Platão, Aristóteles

eram seus prediletos, sem falar da literatura sarcástica de Voltaire. Conhecia o pastor há muitos anos, o religioso era amigo de sua mãe. O pastor sempre o advertia a respeito dos filósofos e da filosofia, afirmando que tal sabedoria era coisa do diabo. Era uma sabedoria falha, sabedoria dos homens. O líder religioso defendia sua tese dizendo a Mathias que muitos filósofos não acreditavam em Deus, pois, quando adquiriam certo nível de conhecimento, começavam a se vangloriar e a se achar deuses, passando a não respeitar mais o Criador e a Sua existência. O espírito passava a se corromper e a fé passava a ser vista como uma superstição.

Mathias entendia o que dizia o pastor e passou a se defender, usando o método comparativo. Uma vez disse ao pastor, “O compreendo perfeitamente, meu querido pastor. Agora, faremos uma análise comparativa simples: Santos Dumont, que era um homem da ciência, quando teve a ideia de construir o avião, queria superar e reconhecer o poder do Criador nele mesmo, pois sabia que voar naquela época era impossível. Acabou sendo taxado de louco por alguns. Contudo, conseguiu construir o 14 Bis e dar ao homem a capacidade de ir às alturas, de usufruir como um pássaro de uma vista magnífica das paisagens e das cidades, de sentir-se livre. O inventor do avião nos deu uma simples prova de que tudo é possível para aquele que acredita, que crê. Pois bem, ainda assim, outro maluco pegou a

invenção de Dumont colocou uma bomba atômica e lançou sobre Hiroshima e Nagasaki, no Japão, durante a Segunda Guerra Mundial, matando milhares de pessoas inocentes e propagando o vírus da radiação. Como podemos observar, a intenção do primeiro foi pura, já a do segundo, maléfica. Voltemos agora à religião e não mais à ciência. O que acontece na religião? Muitos homens procuram seguir uma fé pura e reta nos princípios do Deus Pai, enquanto outros, se utilizam do nome de Deus e da religião para criarem seus próprios princípios, alienando, lucrando e distorcendo a verdade de Deus, com um único propósito de atender seus próprios interesses e, não, os de Deus. Distorcem a mensagem do Cristo, Yeshua, passando para as pessoas a ideia da prosperidade pessoal, em detrimento da missão de amar. As pessoas passam a ir mais para a igreja, com a intenção de louvar e de pedir bênçãos financeiras, do que de amar o próximo e de servi-los uns aos outros, como pedira o Mestre. Sendo assim, não posso condenar a religião e nem tampouco a ciência. Acredito que as duas são importantes para o homem. Portanto, meu amigo, não fale mal de minha filosofia nem eu falarei de sua religião. Se formos discutir, passemos a discutir a natureza do homem e seus vícios: a ambição, a vaidade, e a cobiça. Esses, sim, são pontos para levarmos horas e horas a debatermos. O homem é o problema.”

Essas lembranças vieram à mente de Mathias. O pastor era um amigo, tinha o ajudado muito, quando estava doente. Ser- viu como um psicólogo para Mathias, durante os dois anos que ficou doente. Enfim, Mathias refletiu: “O dia em que o homem descobrir sua verdadeira natureza, aí então, creio eu, descobrirá também a verdadeira natureza de Deus”. Por fim, adormeceu.

O FINAL DO CAUSO

Era Quinta-feira Santa. O povo de Ponto Novo amanheceu o dia ouvindo o sino da igreja tocar. Eram seis horas da manhã, as pessoas se reuniam na igreja para vigília do quinto dia santo.

Mathias se encontrava no meio da praça, bêbado feito um desvalido, ainda com o litro de cachaça na mão e com um olhar estranho e tenebroso. Dona Genésia ia passando, pensou em cumprimentá-lo, quando olhou nos olhos do rapaz, sentiu um calafrio e achou melhor seguir direto para a igreja.

O povo cumpriu o ritual na igreja, eram sete horas da manhã, quando todos saíam e do nada, no meio da praça, berrou Mathias em voz alta e arrogante:

— Aquele homem era um bicho! — gritou Mathias no meio da praça. Todos que saíam da igreja para-

ram para ouvir aquele grito de repúdio, que assustou a todos.

Mathias continuou a falar e o povo foi, como de costume, se juntando para ouvir o que o rapaz dizia:

— Aquele homem era um monstro, uma aberração, enviado do diabo. Como é que sentiu vontade de se despachar com a própria filha! Ela era tão meiga, tão bonita, e o desgraçado fez aquilo que fez — dizia Mathias, sem perceber que as pessoas o escutavam.

— Ela falou para a mãe que o pai queria abusá-la, mas a mãe era uma miserável, tinha medo do diabo do marido. Quando viu que a mãe não ia tomar uma providência, foi até a diretora da escola e falou dos abusos que estava sofrendo. A diretora teve bom coração, disse que daria queixa na polícia... Isso foi numa Quinta-feira Santa. A diretora pediu a ela que ficasse na casa de uma das professoras, naquela noite, e que, no outro dia, iria à delegacia prestar queixas daquele infeliz. Mas aí, veio um anjo do inferno... uma maldita vizinha que lhe disse que a sua mãe queria vê-la ainda naquele dia. Ana disse pra diretora que iria passar em casa para ver o que a mãe desejava, depois iria para a casa da professora... Aí... foi para casa. Quando chegou lá, era uma... uma armadilha. O desgraçado do pai dela estava lá... esperando... esperando para ter relações sexuais com ela. Quando ela entrou em casa, que deu por si, já era tarde... O bexiguento tentou agarrá-la, ela gritou e saiu

correndo por dentro da casa num desespero, numa agonia. O infeliz a cercou e disse que, se ela não fosse dele, não seria de mais ninguém... Ela era forte — as lágrimas escorriam pelo rosto de Mathias. — Ela era tão forte que se recusou... O peste deu-lhe uma bofetada na linda face, foi ao chão a coitada. O “filho duma égua” começou a espancá-la. Depois, foi à cozinha e trouxe um facão. A menina gritava de desespero, e ele, com um olhar de ódio e dor, começou a cortá-la... Um golpe de facão foi na testa, o outro, na garganta. Cortava a filha como se fosse um pedaço de carne. A menina esbugalhava os olhos e tentava se apegar em alguma coisa... em alguma coisa... como se soubesse que estava morrendo... como se o espírito dela estivesse abandonando o corpo. Ainda assim, ela tentava se agarrar em algo para não ir. Ela não queria ir... Tentava agarrar-se em algo... Tentava voltar numa angústia terrível. O miserável começou a chorar num desespero, pois, quando deu por si e que olhou para a filha, ela já estava com um olhar perdido no nada, um olhar vazio, um olhar de nada... Aí, ele percebeu a miséria que havia feito, havia despachado o que ele mais queria nessa vida: a própria filha, Aninha.

Mathias, percebendo que as pessoas o ouviam, continuou:

— E não é só isso, havia uma pessoa presente que só assistia a tudo, era o irmão mais velho, assistia a

tudo... assistia ... ele assistia... sem cair uma gota de lágrima do rosto, com uma frieza tremenda, sem tomar uma atitude, apenas olhava. O irmão assistiu a tudo. O monstro, após ter matado a filha, olhou para o filho, acenou com a cabeça, como se dissesse que tudo estava consumado. Olhava para a filha morta, sentia um remorso, chorava, olhava para o filho, depois, se virava novamente para a filha e, num último ato, atravessou o facão em sua própria garganta. Agonizou durante alguns minutos, depois, faleceu. O filho mais velho apenas assistia os atos, como se fosse comparsa da morte, uma espécie de parceiro, uma testemunha, um cúmplice da morte.

— Santo Deus! — disse Carlito no meio da multidão, que ou- via atenta àquela história macabra.

— Mas que peste! — continuou Mathias. — Era pior que um verme aquele irmão, o próprio diabo, talvez, um parasita, um infame, um ser que não merecia a vida, parecia não ter alma, aquele... aquele... — começou a chorar em desespero, foi se ajoelhando no chão, soluçando e batendo a mão no chão. Arremessou a garrafa de cachaça no outro lado da rua, abraçou Carlito em prantos, escondeu seu rosto pálido no peito de Carlito e chorou, como se nunca tivesse chorado na vida.

As pessoas estavam chocadas com o relato do rapaz, entendiam, agora, porque ele era tão estranho e triste. Aquele era um caso que traumatizava qualquer um que

presenciasse. No caso de Mathias, a melhor amiga, uma jovem sonhadora. Uma garota que queria ser médica para salvar vidas e morreu em uma agonia tão grande, pois na hora em que estava precisando que alguém a salvasse, o próprio irmão não moveu uma palha. Que decepção! Que desilusão da pobre menina descobrir a indiferença do irmão, minutos antes de morrer. Todos levantaram Mathias e o consolaram, depois, o levaram para dentro da igreja, na esperança de que a casa de Deus pudesse consolá-lo.

A TERRÍVEL CONCLUSÃO

Foi numa Sexta-feira Santa, lembro-me até hoje, não poderia me esquecer daquele dia tão trágico e libertador. O dia em que um homem atormentado por uma dúvida latente e um rapaz que aparentava ser ateu mostraram a mim algo que nunca tinha pensado e que destruíram muitos dos meus dogmas religiosos e, ao mesmo tempo, realçaram a minha esperança e fé em Deus.

Agora, irei relatar aos leitores um pouco do que aconteceu naquele dia. Procurarei ser o mais fiel possível, se assim a memória me acalantar.

Lembro-me, eram onze horas da manhã, numa Sexta-feira Santa. Mathias virou a noite de quinta-feira a beber feito um condenado. O pessoal da igreja estava organizando uma procissão para convidar a comunidade para as celebrações de sexta à noite na igreja. Os fiéis

estavam em frente à igreja, esperando o padre Jonas sair para conduzir a multidão.

Ouviram-se gritos, vindo do alto do Piquete, uma voz rouca e raivosa, era Damião, que vinha correndo, indignado, berrando insatisfeito, gritava o padre Jonas. Trazia consigo uma faca na mão e sua boca estava suja com alguns pedaços de bagaço de laranja. As pessoas se assustaram e logo deram espaço para que ele passasse. Estava nervoso, como se estivesse atacado, chorava, batia as mãos na cabeça e gritava o padre Jonas. O padre, ao ouvir aquela gritaria, saiu da porta da igreja e se bateu contra Damião que já estava de frente, cara a cara com ele.

O pároco sentiu um frio vindo da espinhela, ao encarar os olhos de Damião, que estavam vermelhos, pois já não dormia há duas noites. Damião com respiração ofegante perguntou:

— Lembra da conversa do dia em que a menina foi estuprada, homem de Deus?

— Lembro — respondeu o padre, com um pouco de medo.

— Se Deus sabe da vida de todos nós, então, Ele é quem quis levar meu pai e minha mãe, por quê?

— Meus filhos — olhando para a multidão —, como podemos observar, Damião está com problemas e precisa de ajuda, esse é um caso único. Pela primeira vez, em Ponto Novo, acontece um caso como esse. De-

vemos orar muito por Damião Nascimento, porque ele está sendo atormentado pelo...

— Demônio! — é interrompido por uma voz que vinha do meio da multidão. Era Mathias embriagado de cachaça, com um bafo que fez com que quatro mulheres que estavam a três metros do rapaz cuspissem sem parar, a ponto de padre Jonas se irritar com a cuspidreira e mandar as mulheres pararem de cuspir. Sem entender a interrupção, o padre se dirigiu a Mathias:

— Lá vem o outro cheio de cachaça, conversar o quê?

— Não estou aqui para conversar com você, padre Jonas! — disse Mathias em tom agressivo.

— O quê queres então, seu desvalido?

— Por que chamas Damião de atormentado pelo demônio?

— Você que acabou de falar: atormentado pelo demônio, e, não, eu!

— Por que atormentas tanto a vida dele?

— Não sou eu quem atormenta ele, e, sim, o demônio! E Deus, com certeza, não aprovaria essas atitudes que ele tem tomado nos últimos dias!

— O teu Deus, estás querendo dizer! — quando Mathias falou essa frase, todos que estavam ao redor ficaram pasmos e sem entender. Então, continuou:

— O teu Deus, não é? Padre de meia-tigela! — usou novamente um tom agressivo.

— Como assim, o meu Deus? É o nosso Deus! — virando-se para a multidão. — Vejam só! Depois dizem que eu é que sou de meia-tigela!

— Vamos então ver quem é quem na história. Quando ouviu isso, o padre mudou de cor e sentiu algo de ruim, pensou em mandar calar a boca de Mathias, mas já era tarde. Mathias começara a falar sem parar:

— Digo que esse Deus judaico-cristão, que todos que estão aqui presentes acreditam, não é nada para mim.

— Ó, Senhor! Perdoa-o, ele não sabe o que diz — orou Dona Genésia.

— Digo que esse Deus nos foi imposto, assim como tudo, desde que nascemos e viemos a este mundo.

— Não estou entendendo, homem moço — falou o pobre Damião, que olhava assustado para o amigo. E pensava, “Como assim, imposto?”.

— Vou te explicar, Damião. Não só a você, como a todos que estão aqui presentes. Por favor, prestem atenção! — continuou Mathias. - Por que digo que nosso Deus foi imposto? Começemos pelo começo. Quem vivia aqui em nosso país antes da chegada dos portugueses?

— Os índios — respondeu um dos moradores.

— Muito bem! — continuou Mathias. — E quem os índios adoravam como deus?

— A lua, Jaci e o sol, Tupã — falou um dos estudantes do lugar.

— E o que foi que os portugueses fizeram com os índios? — interrogou novamente.

— Catequizaram os índios, ensinaram os ensinamentos de Deus, para que aquela raça tivesse uma religião e para que eles não fossem mais pagãos — respondeu o padre Jonas.

— Essa é a história que está nos livros e que vocês contam — gritou Mathias.

— Como assim, a história que nós contamos? Essa é a história verdadeira que está registrada nos livros — gritou o sacerdote.

— A pergunta agora é: quem escreveu esses livros? Vocês acham que naquele tempo algum índio ou algum negro teve oportunidade de escrever a sua própria história em suas línguas maternas? Vocês acham que, por mais que um índio ou um negro escrevesse um livro sobre sua história, vocês acreditam que “os brancos” portugueses registrariam e lançariam nas bibliotecas nacionais tais livros? Digo a vocês que foram os próprios portugueses, que contaram sua própria história e da forma como eles quiseram, pois, naquela época, sei que nenhum negro ou índio sabia escrever o Português, que se encontra em tais livros.

A fala de Mathias causou certa estranheza nas pessoas que estavam ao redor. O povo começou a cochichar,

sussurrando que Mathias tinha certa razão. O padre, ao perceber o efeito das palavras de Mathias, logo retrucou:

— O que você quer, rapaz? De onde você veio? E por que não acredita em Deus?

— Não importa de onde vim nem para onde vou, padre. Não fuja do assunto. Não disse que não acreditava em Deus! Disse apenas que não gosto de coisas impostas de cima para baixo.

— Está dizendo que Deus nos foi imposto?

— Não só Deus, como toda nossa crença religiosa.

— Estás blasfemando! — disse, voltando-se para o povo. — Veja, pessoal! Um homem que não conversa coisa com coisa — enquanto o padre falava, as pessoas se benziam e oravam.

— Imaginem todos — dizia Mathias. — Só acreditamos em Deus, por que os portugueses nos trouxeram esse Deus e O impuseram aos índios e aos negros. O Deus em que nós acreditamos, e as crenças que temos, é apenas uma questão cultural. Pensem: caso fôssemos colonizados pelos árabes islâmicos, talvez hoje, adoraríamos a Alá, e Maomé seria o nosso Jesus! O único poder que o ser humano tem é a fé. A fé remove montanhas. A fé faz o impossível se tornar possível. Os árabes têm a sua fé em Maomé, nós no Cristo. Os budistas têm fé na consciência, e assim sucessivamente. O segredo da vida é o amor e a fé, sem isso não somos nada.

As palavras de Mathias entraram com um ferro no peito de Damião, que, até o momento, queria apenas saber por que Deus matou seus pais e por que tinha sido injusto com ele? Contudo, chegou a uma terrível conclusão: o seu Deus era um Deus português, ele não tinha um Deus, mas deram um Deus para ele. Sua fé fora trabalhada desde a infância pelos seus pais. Agora, essa mesma fé estava abalada para sempre. Um Deus imposto? Quantos morreram para aceitar esse Deus? O seu Deus era uma crença portuguesa? Só isso? Damião não estava conseguindo raciocinar direito, ficou confuso. Damião se lembrava dos pais que levaram anos acreditando naquele mesmo Deus, ou naquela mesma ideia aporuguesada de Deus, uma ideia apostólica romana. Mas espera aí! Não foram o judaísmo e os próprios romanos que crucificaram o Deus vivo? Uma ideia apostólica romana de Deus, algo que talvez não existisse, talvez a ideia daquele Deus... qual era ideia que ele, Damião, tinha de Deus? Ficou na dúvida se os pais tinham ou não ido para o céu, e acaso existia o céu? A vida de Damião era a busca de Deus. Que Deus? Que céu?

Damião foi tomado por uma dúvida profunda, começou a se sentir perdido no nada, não conseguia mais sentir o chão que pisava, a pressão aumentou, começou a manifestar um ataque epilético, começou a se debater.

Babava feito um cachorro raivoso. O padre aproveitou a deixa e apontou para Damião:

— Vejam, meus irmãos, uma manifestação do demônio. Ele acaba de entrar em Damião. Veio nos buscar!

O povo se amedrontou. Uns correram apavorados, outros, principalmente os que frequentavam a igreja, foram para cima orar.

— O demônio não pode passar para este mundo, é preciso sacrificar o irmão Damião! — gritava o padre.

— Não! — gritava Mathias. — O demônio não está em Damião. Não façam nenhum mal a ele, não!

Mathias gritava com uma garrafa de cachaça na mão. Correu para socorrer o amigo, mas estava bêbado e caiu. A comunidade corria para pegar pedaços de estaca, pedras, ferros. Foram na direção de Damião, que se batia ainda indefeso. Quando estava ainda babando, viu Seu Marciano indo em sua direção, tentou pedir ajuda, recebeu uma pedrada na cabeça do próprio Marciano. O mundo girou em sua volta, não entendeu o porquê da pedrada. De repente, uma paulada no peito. Sentiu uma dor no peito e o gosto do sangue na boca. Tentava mandar parar, mas sua língua estava embolada, sufocando-o. Queria apenas que alguém puxasse a sua língua, para que pudesse respirar, todavia era massacrado pela própria população. Não entendia o que acontecia. Sentiu seu braço quebrar, uma dor fina e aguda.

Sentiu as pernas quebrarem também, sentiu uma bordada na cabeça. De repente, começou a perceber que as vistas estavam escurecendo, o ar lhe faltava, já não sentia mais dor alguma, sentia que estava indo embora, ouvia uma voz desesperada... Lá longe... a voz de alguém que chorava e dizia para não fazerem aquilo com ele, uma voz longe... uma voz amiga.

Tudo escurecia. Damião sentia somente a respiração que ia aos poucos acabando. Ao mesmo tempo em que tudo ia se apagando, Damião chegou ao ponto de ver apenas o vazio. O escuro.

— Não! Bando de miseráveis! Por que fizeram isso? — gritou Mathias desesperado, caído ao chão. Por que não me levantaram? Isso não! De novo, não! É assim que vocês acreditam em Deus? Bando de condenados! Mataram um homem inocente. Covardes!

“Pum!”

Um tiro atingiu o peito do padre, que foi ao chão. Dona Genésia, Seu Marciano e outros correram em desespero para socorrer o pároco. Todos olharam para Mathias, que estava desarmado, apenas com uma garrafa na mão.

Quando deram por si, viram o mesmo menino de anos atrás, um pouco mais moço, armado com uma cartucheira na mão. O mesmo garoto que tinha matado o coronel Óguedes e que morava com o padre e que era coroinha da igreja desde a morte do coronel.

“Santo Deus!”, alguns disseram. O garoto foi se aproximando, se aproximando. Chegou perto do corpo e cuspiu no defunto de perto. As pessoas estavam sem reação diante do que estava acontecendo. Carlito se aproximou do garoto:

— Mas, meu filho, por que você fez isso?

— Ele me molestava, Seu Carlito. Me abusava todas as tardes e, ainda por cima, me ameaçava, dizendo que, se eu contasse para alguém, ele mandava me matar. Ele me molestava, Seu Carlito, dentro da igreja e na casa dele, desde aquele maldito dia em que matei o coronel e vocês deixaram eu ir pra casa dele. Mas suportei esses anos, trabalhei de coroinha e juntei um dinheirinho pra comprar essa arma aqui — mostrou a espingarda nova.

— Mas tudo tem seu tempo, Seu Carlito. E hoje de manhã cedo, saí e disse a ele que iria em Itagi comprar algumas coisas da ornamentação da Igreja. Aproveitei e comprei esta arma. E, agora, pude fazer o que tinha planejado. Tudo tem seu dia e, hoje, foi o meu. Ele tá colhendo o que plantou. Aqui se faz, aqui se paga, Seu Carlito.

Do meio da multidão, vinha andando meio acanhada a garota que tinha sido estuprada. Todos olharam para a menina e ficaram sem entender, pois ela tinha ficado na igreja com o padre:

— É isso mesmo, Seu Carlito. E ele não era padre coisa nenhuma - disse a menina. - Ele era filho do fa-

zendeiro Murilo Maia, da fazenda Paraíso. Minha família trabalhava na casa do pai dele, lá na roça. Minha mãe me contou a história dele. O pai dele mandou ele pra capital estudar, há muitos anos atrás. Só que ele se envolveu em um roubo, e os pais o mandaram pra cá e arrumaram essa farsa, essa história de que ele era padre. Nunca foi. Os pais dele, como sempre tiveram muito dinheiro, fizeram um cambalacho com a diocese local e arrumou toda essa farsa. Ele estava era escondido aqui, neste fim de mundo. Quando ele descobriu que eu sabia disso, ficou me ameaçando, dizendo que, se eu contasse para alguém, ele me matava. Depois, tentou me abusar, eu recusei. Então, ele foi lá na fazenda, me raptou, me botou num cavalo, tentou me abusar de novo. Eu dei um tapa nele, aí ele me estuprou e tentou me matar, me sufocou durante minutos, só que aí eu desmaiei, e ele pensou que eu tinha morrido e me deixou dentro dos matos. Quando o povo me levou para a igreja. Dona Genésia me levou na casa paroquial para tomar um banho. De lá, eu fugi, sem que ela percebesse, e fui para os matos de novo. Depois, consegui me alojar numa fazenda próxima, me deram comida e abrigo. Fiquei por lá esses dias: comendo sementes e frutas e tudo que me dessem. E, de lá, ouvi o tiro. Vim ver o que tinha acontecido e, agora, encontro esse desgraçado morto. Só tenho a agradecer a esse garoto, agora posso viver em paz.

Quando terminou de contar o passado do falso padre, as pessoas olhavam para o sacerdote morto e olhavam para o corpo de Damião. Entenderam por que o padre frequentava tanto a casa de Murilo Maia e por que o velho fazendeiro ajudava tanto a igreja. As pessoas se lembraram de Damião. Todos se arrependeram do que fizeram. Mataram o pobre homem, porque acreditaram em um pedófilo, em um estuprador. Agora, entendiam a atitude arrogante do padre, quando dialogava com Mathias e Damião. Não era padre coisa alguma.

“Mathias!”, lembraram. Quando olharam para o rapaz, Mathias estava morto. No meio da confusão, havia quebrado a garrafa de cachaça, pegou os cacos da garrafa e se degolou. Antes de se degolar, cortou o pulso e escreveu no chão uma mensagem:

Me perdoe, Ana! Deveria ter tomado o facão das mãos do nosso pai!

Tudo aquilo foi terrível para a comunidade. Tinha apenas quinze anos na época. Ponto Novo era um lugar muito estranho. Depois dos acontecidos, pedi a minha mãe que fôssemos embora dali. Minha mãe gostou da proposta, achou boa, pensava ela que aquele distrito era amaldiçoado. Penso sempre em Damião e em Mathias. De alguma forma, eles exerceram influência no meu destino. As questões que eram levantadas por eles instigaram o meu pensamento.

Certa vez, conversando com alguns amigos da universidade, fiquei pensando no que os padres diziam no curso de teologia. Diziam que nós somos templos de Deus. Que nossas mentes e corpos recebem o legado de Deus. Às vezes, me perguntava, “Se eles passassem pela experiência que vivi em Ponto Novo, será que continuariam pensando assim? E aquelas pessoas? Eram templos ou túmulos de Deus?”. Gostaria que eles me respondessem isso. O que sei é que Damião morreu de forma injusta, por uma comunidade que, com sua ignorância e medo, queria libertar suas famílias da presença do demônio e do inferno. O medo, esse sim, dominava e era senhor de todos naquele lugarejo.

Por fim, Damião me deixou uma lição: onde há medo e preconceito, não há Deus! Onde não há leitura e reflexão sobre a Palavra de Deus, mas apenas aceitação da interpretação feita pelos líderes religiosos, não há sabedoria de Deus. Enquanto o homem conhecer o legado de Deus, que é o amor, e não conseguir praticá-lo, não viverá nem sentirá a presença de Deus. Sendo assim, seu corpo deixará de ser templo de Deus para se tornar um mero túmulo, onde restarão apenas vestígios de um deus morto.

Copyright ©
2021

.....

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada,
fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos, eletrônicos
ou outros quaisquer sem a prévia autorização do autor.

Publique seu livro com a Editora Nocego
RTV Brasil Prod. Com. Entret. e Editora EIRELI
CNPJ: 24.983.429/0001-04
www.editoranocego.com.br
Contatos: (73) 988737177 - 99978-9435
editoranocego@gmail.com

Realização



Apoio financeiro



SECRETARIA
DE CULTURA



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA
MINISTÉRIO DO
TURISMO



Este projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

Copyright ©
2021

Agencia
RTV Brasils